



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

JONAS REIS MOULIN

**A SOCIEDADE DO DESEMPENHO EM BYUNG-CHUL HAN E SEUS IMPACTOS
NA EDUCAÇÃO.**

Em busca de modos de singularização na Educação.

Santo Antônio de Pádua
2023

JONAS REIS MOULIN

**A SOCIEDADE DO DESEMPENHO EM BYUNG-CHUL HAN E SEUS IMPACTOS
NA EDUCAÇÃO.**

Em busca de modos de singularização na Educação.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Mello

Santo Antônio de Pádua
2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M926s Moulin, JONAS REIS
A SOCIEDADE DO DESEMPENHO EM BYUNG-CHUL HAN E SEUS IMPACTOS
NA EDUCAÇÃO. : Em busca de modos de singularização na
Educação. / JONAS REIS Moulin. - 2023.
91 f.

Orientador: Maristela Barenco Corrêa de Mello.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Santo
Antônio de Pádua, 2023.

1. Sociedade do Cansaço. 2. Educação. 3. Subjetividade.
4. Produção intelectual. I. Mello, Maristela Barenco Corrêa
de, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior. III.
Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

JONAS REIS MOULIN

**A SOCIEDADE DO DESEMPENHO EM BYUNG-CHUL HAN E SEUS IMPACTOS
NA EDUCAÇÃO.**

Em busca de modos de singularização na Educação.

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, pela Comissão Examinadora composta pelos membros:

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maristela Barenco Corrêa de Mello (Orientadora) – INFES/UFF

Prof^ª. Dr^ª. Maria Goretti Andrade Rodrigues – INFES/UFF

Prof. Dr. Reinaldo José de Lima – UFJF

Santo Antônio de Pádua
2023

Dedico esse trabalho à vida e toda a sua
pluralidade;
às formas plurais de pensar;
às formas plurais de viver;
às formas plurais de sentir;
às formas plurais de escolher;
às formas plurais de sorrir;
às formas plurais de aprender;
às formas plurais de ver;
às formas plurais de perceber;
às formas plurais de existir;
às formas plurais de ser.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a tantas pessoas, as que estavam presentes na minha vida quando precisei, as que me trouxeram palavras e apoio, as que escreveram os livros que fizeram de mim quem sou. Nomeá-las todas é uma tarefa tola, mas, aqui vou eu.

Quando fiz este trabalho, enviei-o a muitas pessoas para que lessem, e eles o fizeram com olhares sábios e me disseram o que funcionava e o que não funcionava e o que precisava ser trabalhado. Sou grato a todos eles, mas devo agradecer em especial ao grupo FLORA, que esteve presente em todo o percurso e, particularmente, aos seus integrantes: Maristela Barenco, Juliana Werneck, Marcela Mendes, Aline Vieira, Yuri Marx, Gleiciane Lage, Shirlei Barros, Fabiano Azevedo, Mayara Marmelo, Cintia Rosa, Clara Barenco, Ana Augusta, Ivalane Santiago, Valéria Chaves e Yasmin Tulasi.

Sou grato à generosa banca examinadora, à professora doutora Maria Goretti Andrade Rodrigues e ao professor doutor Reinaldo José de Lima, ao qual eu tive a sorte de ter meu trabalho nas mãos deles, do qual cada comentário, palavra, observação, ajuda e orientação foram essenciais e valiosíssimos para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Esta pesquisa começou – embora na época eu não soubesse que seria um trabalho sobre a sociedade do desempenho na educação – quando submeti o pré-projeto e escrevia sobre a ausência do pensamento e lógicas orientais no ocidente. Comecei a pesquisa, mas sempre me perdia da mesma forma, tornando-a abrangente demais sob qualquer conceito que escolhesse estudar, que, por minha própria imaturidade, criava em mim os desconfortos para os quais estudava formas de combater. Então, escrever sobre esse tema atual me lembrou a alegria de só escrever, todos os dias. As palavras salvam nossas vidas, às vezes o caminho se revela ao caminhar, e esse trabalho foi assim. Esse projeto começa e termina em si mesmo.

Agradeço à minha orientadora, a professora doutora Maristela Barenco Corrêa de Mello, que ao me provocar a fazer uma pesquisa sobre um tema do meu interesse, abriu um mundo de possibilidades que até então eu desconhecia. Encontrei o meu tema de estudos, e nele encontrei os caminhos sobre pensar outras lógicas, que é o que me realiza. Orientação que faz germinar e tornar-se o que é a pesquisa.

Agradeço à minha esposa Mariana, que esteve comigo durante todo esse percurso. Agradeço aos meus irmãos Roberto, Fernanda e Paula, pois cada um do seu jeito, e com suas possibilidades, tornaram possível, de todas as formas, trilhar esse caminho.

Agradeço ao meu pai Emilson e minha mãe Nélia por todo apoio que recebi. Agradeço aos meus tios: Fátima, Cida, Graça e Robe, que tanto torcem por mim.

Agradeço aos meus primos/irmãos Rafael e Carmem, por todo amor dedicado.

Agradeço aos meus sogros Cristina e Hélio, pelo apoio, ajuda e paciência comigo.

Agradeço a Wanderléa e Franklin, por toda generosidade e carinho.

Agradeço ao Sr. Messias Nascimento, a senhora Hilda Parreira, a senhora Ivane Parreira, Mário Kort Kamp, Bruna Poeys, Álvaro Silvestre, Regina Oliveira, Ledir Silvestre, Rodrigo Picholine e todos que me apoiaram em tantos momentos e de tantas formas.

Agradeço à minha turma de mestrado “Pipocas” que sempre me apoiaram. Cada um deles está presente também nesse trabalho: Arnold Freitas, Camilla Torquato, Danielle Barcelos, Eduardo Aglio, Fabiano Lacerda, Gabriela Assis, Geliane Oliveira, Glaucia Souza, Alencar Mangia, Juliana Werneck, Kezia Ferreira, Leticia Mendes, Marcela Mendes, Mariana Caldeira, Melina Mello, Ricley de Azevedo, Rosiane, Tereza Maria, Thais Periard e Thuanne Motta.

Agradeço a Bárbara Silveira, por todo carinho e dedicação revisando a formatação desta pesquisa mesmo em meio ao puerpério, e que o fez com impressionante agilidade e maestria.

Agradeço à memória das pessoas que já não estão entre nós, e que eu amei, e que suas vidas marcam e influenciam a minha existência e meu caminho até aqui: a tia Nana, “vó” Carmem, “vó” Nelly, dona Herly, meu amigo-irmão Gilmar.

Agradeço a todas as instituições que me financiaram, ao meu ensino fundamental, ao meu ensino médio, à UFF, agradeço a bolsa de estudos que recebi e que com esse recurso me possibilitou casar.

*Quanto maior a flor da teoria desabrochar,
menor o fruto da ação será.*

冰·心 Bingxin

O capitalismo não gosta do vazio e tranquilo.

Byung-Chul Han

RESUMO

A presente dissertação consiste em um estudo de filosofia da educação, de cunho bibliográfico e analítico -, que busca pensar como o campo da educação vem sendo atravessado pela lógica do capital e do trabalho, e os impactos disso na subjetividade contemporânea. Para isso, essa pesquisa mergulha nos estudos e categorias do filósofo coreano, Byung-Chul Han, sobretudo através de sua obra, *Sociedade do Cansaço* (2015), cujos estudos nos permitem ver como se dá a construção da chamada Sociedade do Desempenho e como podemos mapear os seus impactos no campo da Educação. Em um segundo momento, esse trabalho tem como objetivo suscitar reflexões sobre a importância dos estudos do campo da Subjetividade, na Educação, tanto para que possamos compreender como o sistema produz subjetividades hegemônicas, quanto para podermos compreender a importância de uma Educação comprometido com modos de Singularização. Intenta-se pensar uma educação outra que tem como perspectiva a possibilidade de descontinuar a perpetuação de antigas práticas na academia e na escrita acadêmica, de modo a impulsionar a emancipação humana e social no sentido de diversificação de saber e estruturas de conhecimento. A pesquisa propõe um diálogo com diferentes autores que pensam temas como educação, subjetividade, produtividade e escrita acadêmica.

Palavras-chave: Sociedade do Cansaço; Educação; Subjetividade.

ABSTRACT

This dissertation constitutes a study in the philosophy of education, of a bibliographic and analytical nature, aiming to consider how the field of education has been influenced by the logic of capital and labor, and the impacts of this on contemporary subjectivity. To achieve this, this research delves into the studies and categories of the Korean philosopher, Byung-Chul Han, primarily through his work, 'The Burnout Society' (2015), whose studies allow us to understand how the construction of the so-called Performance Society takes place and how we can map its impacts in the field of Education. In a second moment, this work aims to provoke reflections on the importance of studying the field of Subjectivity in Education, both so that we can comprehend how the system produces hegemonic subjectivities, and to understand the importance of an Education committed to modes of Singularization. The intention is to contemplate an alternative education that envisions the possibility of discontinuing the perpetuation of old practices in academia and academic writing, in order to propel human and social emancipation towards diversification of knowledge and structures of understanding. The research proposes a dialogue with different authors who contemplate themes such as education, subjectivity, productivity, and academic writing.

Keywords: Burnout Society; Education; Subjectivity.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 A ABORDAGEM | 12 |
| 1.2 PERGUNTA DA PESQUISA..... | 14 |
| 1.3 CAMINHOS PARA A INVESTIGAÇÃO | 14 |
| 1.4 ANÁLISE DA LITERATURA | 15 |
| 1.4.1 Delimitação | 16 |
| 2 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO DE BYUNG-CHUL HAN | 18 |
| 2.1 O CONCEITO DE POSITIVIDADE E INFINITUDE (<i>YES, WE CAN</i>) E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA..... | 21 |
| 2.2 ACELERAÇÃO DO TEMPO E TECNOLOGIAS | 24 |
| 2.3 EXCESSO DE ESTÍMULOS: HIPERATENÇÃO, <i>MULTITASKING</i> (MULTITAREFA) E HIPERPASSIVIDADE | 26 |
| 2.4 NARCISISMO, INFARTOS PSÍQUICOS, QUESTÕES NEURONAIS (DEPRESSÃO, SÍNDROME DE BURNOUT, SÍNDROME DO PÂNICO, TDAH) | 31 |
| 2.5 SÍNTESE..... | 35 |
| 3 OS IMPACTOS DA SOCIEDADE DO DESEMPENHO NA EDUCAÇÃO | 36 |
| 3.1 EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO | 40 |
| 3.1.1 Educação Básica e Ensino Médio | 44 |
| 3.1.2 Cientistas, Meio Acadêmico e Produção Científica | 49 |
| 3.1.2.1 Precarização do Trabalho Acadêmico | 53 |
| 3.1.2.2 Saúde Mental no Meio Acadêmico | 55 |
| 3.2 EDUCAÇÃO E MODOS DE SINGULARIZAÇÃO | 58 |
| 3.3 A PEDAGOGIA DO VER..... | 64 |
| 3.4 A ARTE COMO CONTRAPONTO À SOCIEDADE DO CANSAÇO E À PRODUTIVIDADE DESENFREADA..... | 71 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| 5 REFERÊNCIAS | 74 |
| ANEXOS | 83 |
| ANEXO A - Transcrição do podcast Mil-em-Rama - Episódio 2..... | 83 |
| ANEXO B - Carta de Princípios do Grupo de Estudos Flora | 87 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

PHD – *Philosophiae Doctor* ou *Doctor Philosophie*: Doutor em Filosofia

PIB – Produto Interno Bruto

RPG – *Rolling Play Game*

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SB – Síndrome de Burnout

SFI – Síndrome de Fadiga da Informação

TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

TPL – Transtorno de Personalidade Limítrofe

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge no desejo de encontrar formas de pensar que possam ajudar a enfrentar problemas e questões prementes sobre o ritmo de vida acelerado e adoecedor que vivemos, sobretudo na Educação, e, assim, tentar contribuir para melhorar os sistemas de aprendizagem e de vida, com o emergir de outras formas de pensar e de viver. É um estudo de Filosofia da Educação acerca do Campo de Estudos de Subjetividade.

No livro “Sociedade do Cansaço” (2015), o filósofo Byung-Chul Han sugere reflexões sobre essa era contemporânea de velocidade e esgotamento em que indivíduos são valorizados por serem inquietos, hiperativos e realizarem multitarefas. Não é incomum que possamos observar os mesmos valores e mecânicas sociais serem reproduzidos dentro dos espaços de ensino.

Para abordar a complexidade do tema de forma ilustrativa, o autor elabora sua proposta fazendo uma analogia, na qual traz um paralelo entre o ritmo de vida acelerado/adoecimento psíquico e os dispositivos “imunológicos” (que são conceitos que vêm da biologia para a filosofia através de um deslocamento, para esclarecer as ameaças à saúde do corpo do indivíduo), e existe o lobo, que é a ameaça externa à saúde do corpo, o vírus, que ataca o corpo internamente, e o câncer, que é o próprio corpo adoecido e que não pode combater a si mesmo (HAN, 2015).

Assim, Han (2015) define que o excesso de positividade contemporânea que se configura como uma “violência neuronal”. O indivíduo, dotado das crenças de hiperpositividade e motivado pelo *slogan* “*Yes, we can*”, e pela ideia de que apenas com a força do seu esforço pode realizar o que deseja, força-se a entregar determinados níveis de desempenho. Nesse processo de esforço autoexploratório por autorrealização, acaba adoecendo, resultando muitas vezes em impactos psíquicos, como a: Depressão, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Burnout, entre outros. O sujeito do desempenho, que é o indivíduo atuante da sociedade do desempenho, explora a si próprio indeterminadamente e, em função disso, alcança níveis de desgaste físico e mental.

Esse adoecimento seria o sintoma resultante do excesso de carga de desempenho autoimposta, mas na intenção de não prejudicar seu nível de desempenho o sujeito passa a buscar a medicalização como recurso para evitar as limitações causadas pelo adoecimento. Desta forma, o indivíduo dopado pode continuar produzindo sem as alterações de humor/psicológicas que sinalizam o adoecimento causado pela carga incessante de trabalho e

produtividade. Alterações de humor e de comportamento que seriam a sinalização e, em alguns casos, até mesmo a libertação da causa que os originou.

Alterações de humor, rompantes e explosões em outros tempos seriam o mecanismo, a válvula que aliviaria a pressão sobre o indivíduo e que em muitos casos cessaria com o causador do problema, porém, hoje são vistas socialmente e individualmente como inadequadas, e limitantes ao processo de produtividade. Para evitá-los, os sujeitos de desempenho têm recorrido à medicalização, em que ficam em um estado em que, anestesiados, buscam continuar produzindo continuamente até que ocasionalmente cheguem ao Burnout, conforme relatado por Han (2015).

1.1 A ABORDAGEM

Considerando o mundo infinitamente complexo em que vivemos, essa pesquisa não se propõe a fazer qualquer tipo de análise descritiva sobre uma população, seja quantitativa ou qualitativa, pois não acredita ser capaz de medir e ou quantificar de qualquer forma os valores subjetivos aqui discutidos. Reconhecendo e valorizando essas subjetividades, a pesquisa optou por seguir um caminho outro, de cunho filosófico e conceitual, e de estudo bibliográfico, compreendendo que a práxis é uma condição que não mais dicotomiza teoria e prática e que se recusa a ir à prática como lugar de aferição de um conhecimento. Assim, a presente pesquisa, de cunho bibliográfico, constitui um estudo sobre Filosofia da Educação, tendo em vista trazer, para o campo da Educação, conceitos e noções fundamentais acerca do cenário sócio-histórico, trabalhados contemporaneamente pelo campo da filosofia, e que se referem a temas que, de alguma forma, têm sido formas de modelização, também no campo da educação, mas quase ninguém pensa.

A pesquisa acontece durante o período de pandemia de COVID-19, em um cenário nebuloso. Não era possível prever por quanto tempo durariam as dinâmicas sociais vigentes até então. Os resultados sobre as mudanças de paradigmas e dinâmicas sociais poderiam vir a ser estabelecidas para estudos com um prazo de tempo superior ao tempo previsto no curso de Mestrado em Ensino INFES/UFF, portanto, optou-se pela escolha da revisão bibliográfica e aprofundamento do tema estudado escolhendo um arcabouço teórico para pautar a discussão da pesquisa.

Entretanto, esse trabalho de investigação não alcança o nível de uma pesquisa explicativa, pois ela é mais indicada para um trabalho no nível de um curso de doutorado, onde

um aprofundamento maior torna-se possível pelo tempo em que a pesquisa dispõe para ser elaborada e também pelo suporte ao pesquisador que tentará determinar quais são os elementos de causalidade para os eventos aqui discutidos.

Uma pesquisa é um processo criativo e estratégico que envolve avaliar, reavaliar e tomar decisões constantemente sobre os melhores aspectos e meios possíveis para elaborar informações relevantes, realizar análises apropriadas e chegar a conclusões críveis. No entanto, há uma pesquisadora chamada Janesick (2007) que tem uma percepção crítica em relação à fé cega nos métodos. Ela cunhou um termo chamado “*metodolatria*”, que é uma combinação entre método e idolatria, onde ela define *metodolatria* como uma preocupação com a seleção e a defesa de métodos em detrimento da substância real da história que está sendo contada. Janesick descreve a *metodolatria* como um apego servil e uma devoção a métodos, uma adoração irracional aos processos utilizados em prol de alcançar um objetivo, mesmo que isso prejudique os resultados ou a eficácia real da abordagem.

Na prática, a *metodolatria* pode ocasionar uma confiança inquestionável na aplicação de um método ou técnica específicos, mesmo quando há indícios de que não são efetivos ou adequados para a circunstância em questão. Tal postura pode restringir a habilidade de indivíduos ou organizações de se ajustarem a novas situações, inovarem ou aprimorarem seus procedimentos, acarretando em resultados insatisfatórios ou até prejudiciais.

Dito isto, é válido lembrar que a metodologia é um recurso relevante para atingir metas específicas, e o emprego consciente e crítico de diversas abordagens pode proporcionar melhores resultados. O perigo da *metodolatria* é quando a metodologia passa a ser um fim em si mesma, em vez de um meio para se atingir uma finalidade. Esse apego servil e devocional a métodos é algo que essa pesquisa não pretende fazer para não comprometer a busca por conhecimento.

Essa pesquisa, de outra forma, por buscar pensar subjetividades expostas a partir das reflexões de um filósofo, permite-se ser influenciada pela própria pesquisa para alimentar as descobertas durante o estudo sem limitar-se a qualquer ideia pré-concebida de método, mas utilizando-se dele da melhor forma possível para analisar criticamente o que é estudado, tentando assim não se limitar a formatos de pensar e agir reflexivamente.

Portanto, para descobrir a resposta à pergunta da pesquisa, de que forma o Campo da Filosofia, no que diz respeito à Sociedade do Cansaço, pode influenciar as questões do campo da Educação Contemporânea?

1.2 PERGUNTA DA PESQUISA

A principal função da pesquisa é realizar uma investigação para descobrir como se dá a relação entre os comportamentos observados por Byung-Chul Han na Sociedade do Desempenho e a educação aplicada no ensino contemporâneo no Brasil. Vivemos em uma sociedade voltada para o desempenho que, em muitos níveis, é a causa de muitas mazelas sociais e individuais que afetam a vida das pessoas em nosso século. Se os mesmos princípios alertados pelo autor forem encontrados dentro do ensino público no Brasil, encontraremos um ciclo vicioso que se retroalimenta, perpetuando questões que precisam ser repensadas, analisadas e interrompida. Deve ser tarefa da educação reconhecer os problemas prementes de uma sociedade do desempenho, e trabalhar aprendizagens que envolvam desenvolver um ritmo de vida que não seja adoecedor, melhorando indivíduos, coletivos e valores sociais. E a partir daí, fomentar uma discussão sobre conceitos que precisam ser observados ou até mesmo repensados sobre o ensino.

Há a hipótese de que pode ser que as políticas educacionais no Brasil de 2023 sejam fortemente influenciadas pela lógica da sociedade do desempenho, o que pode levar a uma ênfase excessiva em avaliações de desempenho e competição em detrimento da qualidade do ensino. Larrosa (2016, p. 25) crê que a cultura do trabalho, com sua lógica produtivista, adentrou o universo da Academia de forma irreversível.

Portanto, estou interessado em descobrir: que valores são esses abordados por Han (2015) e onde eles são observados dentro do sistema educacional contemporâneo? Como os pensadores que estudam o tema pensam sobre o que percebem? E se preveem uma relação entre impactos, aumentos, diminuições, relações, correlações, causas, etc.?

1.3 CAMINHOS PARA A INVESTIGAÇÃO

A investigação para encontrar pistas às questões elaboradas no tópico anterior começa da seguinte maneira: levantamento de estudos realizados por autores que fazem parte da construção do pensamento de Han, depois a busca por autores já consagrados em suas pesquisa sobre o tema, e as observações encontradas entre os paralelos do que é abordado nos estudos e o ensino no Brasil nos tempos atuais (2023), fazendo a exposição temática e as reflexões para trabalhar as subjetividades denunciadas na problemática do estudo.

Para tanto, o primeiro passo foi realizar o levantamento dos conceitos e autores com quem Han dialoga, e os elementos por ele elencados são trazidos por outros autores como formas de pensar outras lógicas para o sistema dominante que vivemos. A *sociedade do cansaço* valoriza a produtividade e a eficiência acima de tudo, criando uma subjetividade em que as pessoas se veem sempre precisando fazer mais e mais para atender às demandas do trabalho. Essa sociedade está apoiada pela cultura contemporânea, que enfatiza a importância do pensamento positivo (um positivismo tóxico) e da autoajuda, criando formas de modelização em que as pessoas se veem como responsáveis por sua felicidade e sucesso.

Não obstante, a cultura contemporânea é cada vez mais centrada no indivíduo e na autodeterminação, criando uma subjetividade em que as pessoas se veem como o centro do universo. Isso pode levar à falta de empatia pelos outros e a uma preocupação excessiva com a própria imagem e sucesso. Atores que são potencializados pela tecnologia digital e a cultura da vigilância, que criaram uma subjetividade em que as pessoas sentem que precisam se expor e se tornar transparentes em todos os aspectos de suas vidas, o que pode levar a uma sensação de falta de privacidade e segredos.

Todos esses fatores resultam em uma sensação de constante aceleração do tempo e do ritmo de vida na sociedade do cansaço que cria uma subjetividade em que as pessoas se veem sempre com pressa e sem tempo suficiente para fazer tudo o que precisam, o que pode levar à ansiedade e ao estresse crônico.

Essa pesquisa conta, também, com as contribuições de autores, de grupos de estudos que dialogam sobre o tema, como o Grupo FLORA, a influência de professores, palestras, entrevistas e outros contatos com o tema da pesquisa, a partir daí permitindo-se pensar junto aos autores sugeridos, além da pesquisa original diretamente relacionada na literatura.

1.4 ANÁLISE DA LITERATURA

O livro “A Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han (2015) apresenta uma análise crítica da sociedade contemporânea. Nele, Han aborda diversos temas, desde a cultura do desempenho, o excesso de informação até a exaustão e outros transtornos que ele chama de neuronais, resultantes deste modo de viver. Entre os autores estudados e citados por Han são encontrados inúmeros. A seguir, estão apontados os autores mais importantes, pois nem todos podem aparecer diretamente na pesquisa em citações, mas são fundamentais para ajudar a pensar como o autor se permite influenciar por quais ideias e autores: Gilles Deleuze; Michel

Foucault; Hannah Arendt; Peter Sloterdijk; Sigmund Freud; Jean Baudrillard; Martin Heidegger; Walter Benjamin; Friedrich Nietzsche; Theodor W. Adorno; Max Horkheimer; Guy Debord; Pierre Bourdieu.

Todos esses autores são relevantes na construção intelectual e na obra de Han, contudo a pesquisa se concentrará nos primeiros autores por estarem mais ligados diretamente ao tema específico da “Sociedade do Cansaço”.

1.4.1 Delimitação

O tema da sociedade do desempenho é discutido na educação por muitos autores, para encontrar os mais relevantes a pesquisa seguiu alguns critérios:

Foram realizadas pesquisas em bases de dados acadêmicos, as palavras chaves utilizadas foram: “Sociedade do Desempenho”; “*Society of performance*”; “Educação”; “*Education*”; “Byung-Chul Han”; “Cultura do Rendimento”; “*Performance Culture*”; “Sociedade do Cansaço”; “*The Burnout Society*”.

O filtro utilizado é o período de 2010 ao atual 2023. 2010 é o ano de lançamento do livro “Sociedade do Cansaço”, contudo a maior ênfase está em artigos publicados de 2018 a 2023, por considerar um período contemporâneo pré e pós-pandemia do COVID-19, onde evita-se a contextualização de cenários políticos, tecnológicos e sociais pré 2018 e das mudanças tão impactantes vividas nos últimos 5 anos.

Foram analisados todos os artigos com intenção de encontrar informações fora do escopo, quanto à temática da educação, os artigos de idioma original português (Brasil) por tratar-se de uma pesquisa sobre a educação pública no Brasil contemporâneo. Contudo ao desdobrar da investigação encontrou-se um escopo muito mais amplo do que a limitação linguística. E os resultados encontrados em cada plataforma foram os seguintes:

- ERIC (*Education Resources Information Center*) é um banco de dados online mantido pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos que contém informações sobre pesquisa educacional e práticas educacionais, é uma das maiores fontes de literatura educacional do mundo. Nele, seguindo os filtros anteriormente estabelecidos, foram encontrados 41 artigos no total, todos diretamente relacionados à educação americana, dessa forma foram inspirados por suas referências com o objetivo de melhorar a literatura desta pesquisa.

- BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) é um sistema de informação que reúne teses e dissertações de diversas universidades e instituições de ensino superior do Brasil, permitindo o acesso *on-line* e gratuito a esses documentos. Nele, seguindo os filtros anteriormente estabelecidos, foram encontrados 30 artigos no total.
- CAPES (Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é uma plataforma online que oferece acesso a um conjunto selecionado de bases de dados, periódicos científicos e livros eletrônicos para a comunidade acadêmica brasileira. Nele, seguindo os filtros anteriormente estabelecidos, foram encontrados 1225 artigos no total.
- *Google Acadêmico (Google Scholar, em inglês)* é um serviço de busca de literatura acadêmica *on-line* e gratuito fornecido pelo *Google*. Nele, seguindo os filtros anteriormente estabelecidos, foram encontrados 24000 resultados com esses filtros.
- *SciELO (Scientific Electronic Library Online)* é uma biblioteca eletrônica gratuita que reúne uma grande coleção de revistas científicas e acadêmicas de alta qualidade, principalmente da América Latina e Caribe, mas também de outras regiões do mundo.
- *Scopus* é uma base de dados bibliográficos abrangente que abrange literatura científica, técnica e médica revisada por pares. É uma das maiores e mais respeitadas plataformas de indexação de artigos científicos do mundo. Nele foram encontrados 3 artigos (18/03/23), mas nenhum deles atendem as correlações estabelecidas.
- *Web of Science* é uma plataforma online de pesquisa e indexação de artigos científicos, que faz parte do portfólio de produtos da *Clarivate Analytics*. Ela é uma das maiores e mais respeitadas plataformas de indexação de artigos científicos do mundo. Nele não foram encontrados artigos dentro dos parâmetros de filtros estabelecidos.

Ao analisar os principais trabalhos publicados por autores que se dedicam ao estudo da sociedade do desempenho na educação, verificando a relevância de suas contribuições, foram consideradas as referências bibliográficas de artigos e livros que abordam o tema da sociedade do desempenho na educação, identificando autores que sejam citados com frequência. Os principais autores encontrados sobre o tema foram: Tomaz Tadeu da Silva; Gert Biesta; Roger Dale; Juha Suoranta e Henry Giroux.

Utilizando-se de documentários, entrevistas e *podcasts* científicos (como Naruhodo), artigos de jornais e buscando participar de grupos de discussão e eventos acadêmicos que tratem o tema da sociedade do desempenho na educação, em destaque o grupo Filosofias, Lógicas e

Reescritas Acadêmico-Afetivas, a pesquisa procurou também conhecer as principais referências da área e estabelecer contato com outros pesquisadores, para assim conhecer contribuições e indicações de pesquisadores da área de educação, que possam fornecer sugestões de autores relevantes e materiais de referência para a revisão da literatura. Dentre eles eis alguns dos apresentados: Sílvio Gallo; Jorge Larrosa; Edgar Morin e Peter Pál Pelbart.

2 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO DE BYUNG-CHUL HAN

Byung-Chul Han é um filósofo e ensaísta que faz uma crítica a vários aspectos da sociedade contemporânea e seu trabalho tem sido bastante discutido em meios intelectuais em todo o mundo. O tema abordado nesta pesquisa parte de sua análise sobre o que batiza de Sociedade do Cansaço (no termo original “The Burnout Society”, publicado em 2010, com tradução para o português em 2015). Outro termo utilizado pelo filósofo para definir a mesma questão é Sociedade do Desempenho, esse termo trata-se de uma crítica ao modelo social ocidental contemporâneo. Essa obra se insere em um contexto histórico marcado por uma intensificação do ritmo de vida acelerado e do trabalho pautado em *performance*, impulsionado pela lógica do neoliberalismo e da globalização.

Gradualmente, a sociedade do cansaço vem no encalço do antigo modelo social focado na negatividade, denominado como sociedade disciplinar, conceito desenvolvido e analisado por Michel Foucault. Han (2015) compreende a sociedade disciplinar, teorizada por Michel Foucault em sua obra "Vigiar e Punir" (1975), como um sistema composto por diversas instituições (como hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas) com o propósito de controlar e disciplinar os indivíduos. Em outras palavras, seu objetivo é exercer poder sobre os corpos, por meio do controle, caracterizando-se como uma sociedade permeada pela negatividade, marcada por proibições, coerção e opressão. Desse modo, é uma sociedade que nega, estabelecendo limites e impondo restrições.

A sociedade do desempenho, portanto, é a transformação e adaptação natural do que foi a sociedade disciplinar, mas visando as demandas do sujeito contemporâneo. Esse arranjo e dinâmicas sociais que vão se desvinculando cada vez mais dessa negatividade, essa negatividade da ação, que impede e controla, voltando-se para uma estrutura da positividade estruturada pelo poder ilimitado, poder no sentido de ação, de verbo, daquele que pode. Ou seja, antes uma sociedade disciplinar que controlava a liberdade e negava a autonomia, exercia controle e negava, agora é substituída por um modelo que estimula e incentiva a uma

pseudoautonomia, alimentando as crenças dos indivíduos de que podem tudo. Essa positividade demonstra-se mais efetiva em aumentar a produtividade do que a negatividade do controle da sociedade disciplinar. O indivíduo de desempenho, acreditando que pode, passa a exigir de si o máximo desempenho, tornando-se explorador e explorado. Indivíduos exaustos pela própria hiperprodutividade continuam produzindo indeterminadamente, encontrando-se sempre cansados. Há uma servidão voluntária, como nos diz Han.

Essa positividade do poder, daquele que tudo pode, é sintetizada pelo autor na expressão “*Yes, we can*”, *slogan* muito divulgado na época pelo então presidente dos Estados Unidos Barack Obama, que expressa precisamente o caráter da positividade da sociedade do desempenho, em que o indivíduo acredita que ele consegue, que pode, que se constrói a si mesmo — crenças baseadas na positividade das ações, como o princípio de liberdade da contemporaneidade, onde o indivíduo acredita fazer suas escolhas, e então ele considerará que pode tudo. Caracterizado por um conjunto de valores e práticas, sintetizando as ideias do capitalismo, neoliberalismo e a globalização que evidenciam um excesso de positividade, em que sujeitos condicionam-se a si mesmos a acreditar na infinitude das possibilidades, a sempre buscar um melhor desempenho, o sucesso, a superação de limites, formatando esses valores no *slogan* “*Yes we can*”. Com esses valores a sociedade contemporânea valoriza o trabalho e o sucesso individual, em detrimento do descanso e do lazer.

A constante necessidade de estar conectado e disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana, através das tecnologias de comunicação e informação, que também fazem parte dos valores e ideias abordados no parágrafo anterior, contribuem para uma cultura de hiperconectividade e sobrecarga mental, levando à exaustão física e psicológica.

Desta forma, Han (2015) aponta que a sociedade do cansaço é caracterizada pela substituição do poder disciplinar (como nas sociedades do passado) pelo poder de desempenho, em que o indivíduo é compelido a se responsabilizar por seu próprio sucesso, gerando uma cultura de autoexploração e autocontrole. Nesse sentido, a sociedade do cansaço se distingue da sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault, em que a obediência e a conformidade eram impostas por instituições como a escola, a prisão ou o hospital. Atualmente, a obediência e o controle são exercidos pelo próprio indivíduo que acredita ser livre e autônomo.

Aproveitando das imagens e ideias encontradas no Documentário MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT (Sociedade do Cansaço, ensaio-filme Byung-Chul Han, 2015) para ilustrar o que foi dito até então, é possível entender que a sociedade do cansaço (*The Burnout Society*) está em seu estado terminal quando, ao entrar no metrô de algum centro urbano, percebe-se que seus vagões se encontram cheios de pessoas dormindo na volta para

casa, parecendo “vagões-leito”. A imagem desse cansaço visto nos metrô parece ser hoje um fenômeno global, o cansaço que é descrito pelo autor como uma doença que aflige a sociedade neoliberal das realizações.

Em um artigo para *The Nation*, Han (2021) esclarece o que entende como cansaço. O cansaço a que ele se refere não se trata do cansaço fundamental, esse cansaço do qual fala advém de uma compulsão de realização. Essa compulsão por realização está presente em todos os momentos do dia do sujeito de desempenho, até mesmo no lazer ou atormentando-o durante o sono. Assim, não é possível recuperar-se do cansaço causado por essa pressão interna por autorrealização, porque se descansa em função do trabalho.

A compulsão de realização, ou melhor, a compulsão por autorrealização, marcada pelo sentimento de liberdade, é mais eficaz do que ser explorado por um mecanismo externo de controle que o força a produzir. O indivíduo de desempenho, não acreditando mais ser subjugado, acredita agora ser senhor das próprias escolhas, passa a acreditar que é fruto de um projeto pessoal que está constantemente se redesenhando, reinventando e otimizando. Essa projeção de si, de autorrealização, torna-se uma forma de compulsão por conta própria.

No documentário MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT (2015) “o ‘eu’ como projeto desencadeia compulsões internas, na forma de mais auto-otimização”. Portanto, existe uma situação paradoxal, pois quanto mais liberdade o indivíduo acredita ter, mais aumentam as compulsões. As restrições externas da sociedade disciplinar que o indivíduo acredita estar livre continuam a existir na sociedade de desempenho como compulsões internas.

As compulsões de autorrealização geram esse cansaço presente na sociedade do desempenho, caracterizando o panorama patológico de muitos países, em especial os do Ocidente. Depressão, Burnout ou Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), são algumas das doenças neurológicas resultantes desse esgotamento, como aponta Han. Em entrevista, o autor complementa:

O que caracteriza o sujeito desta sociedade, que quando forçado a render explora a si mesmo, é o sentimento de liberdade. Explorar a si mesmo é mais eficaz do que ser explorado por outros, porque envolve a sensação de liberdade. Kafka já expressara com muita exatidão essa liberdade paradoxal do servo que se acredita amo. Um de seus aforismos diz: “O animal arranca o chicote do dono e chicoteia a si mesmo para ser amo, sem saber que isso nada mais é do que uma fantasia gerada quando na correia do chicote do amo se formou um novo nó”. Esse animal que açoita a si mesmo encarna o sujeito forçado a render e que, explorando a si mesmo, se imagina livre (HAN, 2021, n.p.).

A partir dessa situação paradoxal, Han (2015) afirma que o excesso de liberdade individual é um excesso de capital. Ou seja, o autor sugere que a liberdade individual, quando

se torna excessiva e desenfreada, pode se transformar em uma forma de poder que exerce controle sobre o indivíduo, quando essa liberdade excessiva é usada para alimentar os conceitos éticos de uma sociedade baseada no valor do capital (no sentido de acumulação de riqueza e recursos) que é mais importante que o bem-estar das pessoas e da comunidade como um todo.

2.1 O CONCEITO DE POSITIVIDADE E INFINITUDE (*YES, WE CAN*) E SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

Os Estados Unidos da América (EUA), berço do capitalismo, é um dos principais influenciadores do modo de vida e valores dos países ocidentais. No *slogan* de campanha do ex-presidente americano Barack Obama (2008) “*Yes, we can*”, Han identifica uma forma de sintetizar o que discute em seu livro “Sociedade do Cansaço”, *slogan* que passa a ser forma de definir os valores que imperam na sociedade contemporânea Ocidental. O indivíduo livre, acreditando que é capaz de realizar-se apenas pelo próprio esforço “*Yes, we can*”, torna-se explorador de si. Em nome de uma autorrealização, se submete a uma servidão voluntária, que por ser feita de forma livre, pauta-se na positividade, essa captura do indivíduo ocorre de forma a nunca se romper. Continuará a explorar a si mesmo infinitamente, exaurindo-se no processo.

Uma análise crítica do sistema capitalista foi feita pelo autor Branko Milanovic (2020), ex-economista-chefe de pesquisa do Banco Mundial, no seu livro “Capitalismo sem rivais: O futuro do sistema que domina o mundo”, publicado em 2020, onde faz uma análise crítica do sistema capitalista, abordando questões como desigualdade, globalização, democracia e sustentabilidade. Assim, Milanovic (2020) argumenta que o capitalismo está em uma fase de desenvolvimento em que não há rivais capazes de questionar a sua hegemonia. Ele ressalta que a globalização e a tecnologia contribuíram para uma maior integração dos mercados, aumentando a competitividade e a concentração de poder econômico em grandes corporações. Essa tendência, segundo o autor, gera desigualdades entre as empresas e entre as pessoas, uma vez que a riqueza se concentra cada vez mais nas mãos dos ricos.

Há ainda neste livro uma análise gráfica, já conhecida mundialmente, chamada Curva do Elefante (*The Elephant Curve*), e trata-se de um gráfico que ilustra a distribuição desigual do crescimento de renda para indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais, onde demonstra que a atual geração de trabalhadores tem muito menos poder aquisitivo que a geração anterior e que esse ciclo se repetirá a cada nova geração.

Portanto, entende-se que as pessoas estão correndo cada vez mais, se esforçando muito mais, para atingir resultados muito inferiores aos que seus pais conseguiram, alimentando esse ciclo de cansaço e adoecimento evidente na era contemporânea. O que também faz Milanovic (2020) questionar a compatibilidade do capitalismo com a democracia, argumentando que o sistema econômico atual favorece as elites econômicas e políticas em detrimento das classes mais vulneráveis. Ele aponta para o fato de que o sistema político atual é influenciado pelo poder do dinheiro e que a lógica do mercado muitas vezes se sobrepõe às necessidades da sociedade como um todo.

Essa análise do capitalismo de Branko Milanovic (2020) ajuda a compreender e fundamentar as intuições filosóficas abordadas pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han. Na sociedade disciplinar, os valores que estavam orientados a vigiar e punir os indivíduos, na sociedade do desempenho transformaram-se buscando liberdade desse controle, assim evitando o “agressor” externo. Entretanto, o excesso de liberdade gera novas condições que são analisadas por Han (2015): agora o indivíduo pertencente a esse tempo, acreditando-se livre, busca de toda forma e a todo o tempo a autorrealização. Acredita que é empresário de si e coloca-se a buscar seu melhor desempenho. Quanto mais liberdade acredita ter, quanto mais acredita que basta querer para conseguir, mais passa a se explorar, tornando-se, simultaneamente, vítima e agressor. Enquanto que os estudos de Branko Milanovic (2020) demonstram que essa aceleração não se trata apenas de autorrealização, mas também das condições de desigualdade cada vez mais esmagadoras causadas pelo sistema econômico e de valores sociais vigentes. Grilhões invisíveis que utilizarão as crenças e esperanças do indivíduo para acorrentá-lo a essa servidão voluntária que alimentará o sistema que o aprisiona.

Ou seja, a sociedade disciplinar não estabelece mais os paradigmas da sociedade atual, agora esses paradigmas são estabelecidos pela sociedade do desempenho. Enquanto na sociedade disciplinar ordens e proibições controlam o indivíduo, a sociedade do desempenho é orientada para a realização do que acredita ser liberdade, inicialmente criando apenas uma sensação de liberdade, que posteriormente tornar-se-á compulsões do tipo “você deve”, que também pertence à sociedade disciplinar. O controle externo ocupado anteriormente na sociedade disciplinar transmuta-se para um controle interno na sociedade de desempenho.

Da sensação de liberdade criada pelo “*Yes, we can*” no início do processo de autoexploração, restam para os indivíduos que não conseguem alcançar suas idealizações as sensações de vergonha, culpa, fracasso, desânimo, pois sentem-se responsáveis por suas frustrações, buscando a causa dentro de si e não na sociedade ou onde possa estar.

A produtividade individual que a sociedade disciplinar de controle consegue impor aos seus membros através do “você deve” alcança rapidamente seu máximo. Para aumentar a produtividade, o sistema altera o “deve” para o “pode” na sociedade de desempenho, tornando a motivação para produzir mais eficaz para a exploração do indivíduo.

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito. Também ao dever inere uma negatividade, a negatividade da coerção. A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O *poder* ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (HAN, 2015, p. 16).

Em outras palavras, como aponta Han (2015, p. 17), a mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho demonstra a continuidade de um nível de desenvolvimento social. No inconsciente social habita o desejo de maximizar a produção, produção essa que através da sociedade disciplinar e a negatividade de seu método, encontra seu limite em pouco tempo. Contudo, quando o paradigma da sociedade disciplinar é substituído pelo paradigma da sociedade de desempenho e seu processo de hiperpositividade do poder, mostra-se muito mais eficiente que a negatividade do dever. O indivíduo acreditando ser livre para escolher (sociedade do desempenho) passa a desconhecer as fronteiras entre vida privada e mundo do trabalho, e trabalha ininterruptamente, não questionando os processos de autoexploração. O poder fazer não anula o dever, continua ele disciplinado.

Os dois sistemas não são comparativos e separados, são na verdade o processo de mudança onde um sistema se transforma, complexificando os seus modos de singularização, e adaptando-se para o outro, mantendo, como podemos observar, algumas características. O sujeito de desempenho que continua disciplinado, carrega o estágio disciplinar de produtividade, pois o poder (ação) aumenta este nível de produtividade, que está no imperativo do dever, que na sociedade disciplinar alcança um limite. Na sociedade do desempenho, onde acredita-se ser livre e fazer a escolha de autorrealização, não alcança essa ruptura da produtividade, impondo a si mesmo um ritmo sempre contínuo. O “*Yes, we can*” sustenta a continuidade de produzir indefinidamente, que causa o que Han (2015) batiza de sociedade do cansaço.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade *coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (HAN, 2015, p. 19).

Portanto, seja pela perspectiva das intuições de Byung-Chul Han ou pela análise econômica de Branko Milanovic (2020), os indivíduos estarão a explorar-se apaixonadamente por necessidade de autorrealização ou pela necessidade de sobrevivência em condições cada vez mais hostis. Tais esforços são partes das engrenagens de um sistema que torna essa pressão ainda mais esmagadora aos outros indivíduos, que por sua vez passarão voluntariamente a alimentar a mesma engrenagem, que favorece apenas poucos, servindo apenas a si mesma, mesmo que a custo da qualidade de vida e bem estar dos indivíduos que a compõem. A empreitada destes esforços se dá pela esperança de libertarem-se de tais mazelas. Em outras palavras, se submetem à servidão voluntária, tornando-se super produtivos na esperança de libertarem-se do sistema que os obriga a produzir para sobreviver, alimentando o sistema que os colocou na condição inicial.

2.2 ACELERAÇÃO DO TEMPO E TECNOLOGIAS

Byung-Chul Han no documentário MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT (2015) explica que o problema do cansaço é mais grave na Coreia (de onde é natural) do que na Alemanha (onde vive e trabalha), pois os coreanos não sofrem apenas de Burnout ou Depressão, sofrem também por um distúrbio psicológico chamado Síndrome de Fadiga da Informação (SFI). A Síndrome de Fadiga da Informação¹ é uma doença neuronal causada por exposição excessiva a informações, onde os afetados relatam “paralisia da análise”, falta de concentração, ansiedade, nervosismo e incapacidade de aceitar responsabilidades pessoais. Uma doença que inicialmente afetou pessoas que eram forçadas a processar grandes quantidades de informação, hoje, afeta

¹ Termo cunhado pelo psicólogo britânico David Lewis em 1996.

todos os grupos populacionais. A quantidade de informações disponíveis multiplicou-se pelas mídias digitais, principalmente pelo uso de *smartphones*.

No documentário Han (2015) diz que os aparelhos de *smartphones* surgem com a promessa de gerar mais liberdade, e tornaram-se uma nova compulsão, quase como se fossem um novo e externo órgão do corpo humano. E não por acaso, os aparelhos, sites e aplicativos, seguem a lógica do capital, em que mais comunicação significa mais capital. Portanto, quanto mais comunicação circular, mais capital circula. Os espaços digitais se apresentam como espaços de liberdade, fazem as pessoas acreditarem que são livres, que se comunicam livremente. Aos poucos, os espaços digitais foram assumindo uma forma panóptica, espaços de liberdade que se tornam espaços de controle.

O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 1987, p. 224).

Através das tecnologias de comunicação, convencidos de utilizar o direito de liberdade, voluntariamente os sujeitos se expõem à vigilância do olhar panóptico. Diferente da sociedade disciplinar onde utilizava o “Grande Irmão” para manter o controle e aprisionar os indivíduos, na sociedade de desempenho participam os indivíduos ativamente da construção do panóptico. Essa voluntarização é o que torna o panóptico digital tão eficiente. A liberdade se torna controle (HAN, 2016) em função da sensação de liberdade, voluntariamente o indivíduo se dispõe a fornecer suas informações, aparecendo aqui a autoexploração.

Existe uma relação onde o “Grande Irmão” de George Orwell no livro “1984” (2003) que ilustra o que seria uma versão do “olhar panóptico” de Michel Foucault em “Vigiar e Punir”. Pois o “Grande Irmão” é uma entidade ou figura que está o tempo todo a observar sem ser observado, postado em todos os lugares como um olhar de vigilância constante, em cartazes dizendo “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ” (ORWELL, 2003, p. 283).

Essa lógica da autoexploração pela lógica de liberdade é encontrada na Sociedade do Cansaço e na Sociedade da Transparência de Han, onde o controle e a exploração são realizados de forma voluntária, já que se utilizam do recurso da lógica de liberdade. Sociedade da Transparência é um conceito criado por Han em seu livro “Sociedade da Transparência” (2016) onde aborda especificamente a questão das relações sociais e as mídias digitais.

Han aponta em entrevista (2021, El País) que no delírio do crescimento, acaba se esquecendo dos efeitos secundários da digitalização, efeitos esses que a pandemia realça, principalmente os negativos. Digitalização é o termo usado por Han para descrever o que o mesmo batizou de digitalização da vida. A falta de contato humano da comunicação digital é lembrada por não ter o corpo a corpo e tão pouco a troca de olhares, por isso o autor identifica-a como uma comunicação unilateral. Há comunicação, mas não há contato humano. É uma comunicação que não traz felicidade, por falta da presença corporal do outro, questão que aborda em seu livro “Do Desaparecimento dos Rituais”.

Rituais são processos de incorporação e encenação corporal. As ordens e os valores vigentes em uma comunidade são vivenciados e se consolidam no corpo. São consignados no corpo, são incorporados, ou seja, são assimilados corporalmente. Desse modo, os rituais geram um saber corporificado e uma memória corpórea, uma identidade corporificada, uma compenetração corporal. A comunidade ritual é uma corporação. A comunidade como tal tem uma dimensão corporal que lhe é inerente. A digitalização enfraquece o vínculo comunitário na medida em que tem um efeito decorporizador. A comunicação digital é uma comunicação descorporizada (HAN, 2021, n. p).

À vista disso, as tecnologias permitiram acesso a uma vasta quantidade de informações, contudo, essas tecnologias também servem às lógicas sociais vigentes que são as lógicas para produção de capital. Os formatos e modelos elaborados são feitos para a captura de atenção, a hiperconectividade e a retroalimentação para a circulação de mais informação, pois quanto mais informação circula, como acima dissemos, mais capital. O sujeito de desempenho passa a ceder e/ou impor-se a pressão cada vez maior para produzir, performar e ser produtivo o tempo todo, que pode levá-lo a algum dos estados de esgotamento, característicos da sociedade do cansaço.

2.3 EXCESSO DE ESTÍMULOS: HIPERATENÇÃO, *MULTITASKING* (MULTITAREFA) E HIPERPASSIVIDADE

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos e informações. Para dar conta desse excesso de estímulos, adaptamo-nos alterando a estrutura de funcionamento de nosso sistema de atenção. Agora a atenção passa a ser fragmentada e de curta duração, essa outra formatação da atenção passou a ser conhecida como atenção *multitasking* (multitarefa).

A vida moderna exige que os indivíduos sejam multitarefa. Eventos múltiplos acontecem simultaneamente e os indivíduos precisam lidar com tais eventos imediatamente e concomitantemente. Conforme a tecnologia se desenvolve, as pessoas têm ao seu dispor novos equipamentos de comunicação, multiplicando a quantidade de informação disponível que temos para processar. De acordo com Ophir, Nass e Wagner (2009), nós vivemos num ambiente de mídia saturado no qual consumimos mais de um fluxo de informação ao mesmo tempo, e desempenhamos mais de uma tarefa ao mesmo tempo. Ser multitarefa pode parecer tão fácil que muitas vezes não percebemos que estamos fazendo várias coisas ao mesmo tempo, como falar enquanto andamos, tomamos banho, ou fazemos uma refeição; misturar ingredientes enquanto lemos uma receita; ouvir uma palestra enquanto tomamos notas; entre muitas outras tarefas. Em outros momentos, ser multitarefa se torna mais difícil, penoso ou até impossível, como quando as pessoas estão tentando dirigir enquanto examinam um equipamento de navegação; quando tentam ler um artigo acadêmico enquanto ouvem outras pessoas falando sobre um assunto interessante; ou quando desempenham um teste de memória de trabalho no qual você tem que processar informação enquanto armazena outros tipos de informação. Situações da vida real exigem habilidades multitarefa (BAILER; TOMITCH, 2016, p. 404).

Acreditando que a atenção multitarefa seria fruto da contemporaneidade, onde ela seria a nova habilidade competente ao homem na sociedade de informação pós-moderna, Han (2015) mostra que não se trata de um progresso, mas, na verdade, de um retrocesso civilizatório. Ainda de acordo com Han, “a multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem” (HAN, 2015, p. 20). O animal selvagem não pode se dispor de uma vida contemplativa, para ele sobreviver precisa, enquanto come, prestar atenção em possíveis predadores, cuidar dos filhotes, entre outras tarefas simultâneas. Em documentário Han, traz um exemplo que de forma figurada que pode ilustrar o que é dito anteriormente:

Peixes como tubarão ou atum têm brânquias muito ineficientes. Eles devem estar constantemente nadando para garantir o fluxo de água suficiente por suas brânquias, pois se sufocam se não nadam. Isso significa que eles têm que correr para a água, mesmo quando estão dormindo para garantir a entrada de água suficiente. É possível que no futuro as pessoas trabalhem mesmo dormindo, como atuns ou tubarões. Um tipo especial de sistema multitarefa. As pessoas vão querer parar de dormir e sonhar por que não é mais eficiente o suficiente? Que perspectiva terrível (HAN, MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT, 2015).

O sujeito de desempenho para produzir, performar e ser produtivo o tempo todo adota os conceitos de multitarefa (*multitasking*). Seja por meio da superexposição às tecnologias e múltiplas telas ou por atividades cotidianas e altos níveis de informação que precisa consumir e produzir diariamente, passa-se a acreditar que se tornou uma pessoa multitarefa.

Falácias sobre pessoas multitarefas preenchem os mais diversos meios, seja no arquétipo da mulher multitarefa que realiza várias atividades ao mesmo tempo ou nos executivos e publicitários nas relações corporativas/cotidianas. No entanto, cientificamente não existem

seres humanos multitarefas como gostaríamos de acreditar, o que existem são pessoas que alternam tarefas. Existe diferença entre ser multitarefa e fazer duas ou mais coisas ao mesmo tempo.

Os artigos “*Multitasking: Switching costs*” (APA, 2006) e “*Distracted Driving and Risk of Road Crashes among Novice and Experienced Drivers*” (KLAUER, 2014) descrevem bem o fenômeno, demonstrando que a mente e o cérebro não foram projetados para multitarefa. Ao invés de realizar duas ou três tarefas simultaneamente, o que o cérebro faz é alternar entre as tarefas, o que resulta em um custo por essa alternância de atividades. O custo por essa alternância de atividades demonstrou que levará em média 40% a mais de tempo para realizar as tarefas e que envolverá mais erros, além de reduzir quase o mesmo percentual na capacidade de retenção de memória e aprendizagem da tarefa.

Os artigos também mostram que as pessoas gostam de acreditar serem multitarefa, porque nossos cérebros têm um sistema de recompensa muito forte, cada vez que se conclui uma pequena tarefa há uma liberação de dopamina por ter concluído a atividade. Contudo, esse comportamento gera um comportamento procrastinador, pois quando é necessário focar em uma grande tarefa que precise de mais tempo para a recompensa, por ser uma tarefa maior, o indivíduo não tem autocontrole o suficiente para esperar, como demonstrado nos artigos anteriormente citados.

A multitarefa acaba por se tornar uma crendice popular que gera um grande mal na sociedade atual. Torna-se muito mais produtivo ao se concentrar para fazer uma atividade por vez, é significativo o ganho de eficiência e redução do tempo gasto, ou seja, trabalha-se menos. Existem diversas técnicas que podem ser usadas para tratar esse foco em grandes atividades, mas não serão exploradas neste texto. O que nos leva ao próximo ponto, a hiperatenção.

Para Han (2015, p. 21) os desempenhos culturais da humanidade, devem-se também à capacidade de uma atenção profunda e contemplativa. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo.

A hiperatenção pode ter alguns vieses, contudo, de forma simplificada vamos nos ater a dois, o viés de concentração plena para a atividade a ser exercida e a hiperatenção como sintoma de um quadro clínico psicológico de nossos tempos denunciado por Han. No primeiro caso, como sugerido nos parágrafos anteriores que explicitam a multitarefa, a hiperatenção poderia ser uma habilidade treinada para a imersão à realização da atividade que se propõe, ela

é necessária e saudável, sem excessos e exercida de forma consciente. No segundo caso, a hiperatenção trata-se de um sintoma que compõe o quadro de pessoas com TDAH, neste caso a hiperatenção pode tornar-se nociva e implica vários elementos a serem considerados caso a caso.

O artigo “*Living “in the zone”: hyperfocus in adult ADHD*” (HUPFELD; ABAGIS; SHAH, 2019) defende que o termo “hiperfoco” ou “hiperatenção” tem sido usado para caracterizar um estado de atenção concentrada e intensificada que indivíduos com TDAH frequentemente relatam e é discutida como uma das facetas deste transtorno. Tais experiências de hiperatenção são mais comumente relatadas quando um indivíduo está envolvido em algo relacionado a seus *hobbies*². Muitas das descrições de experiências de hiperatenção³ descritas por pessoas com TDAH incluem: percepção distorcida de tempo, atemporalidade, falha em prestar atenção ao mundo, dificuldade em interromper uma atividade, mudar para uma nova tarefa, ignorar necessidades pessoais, sentimentos de total absorção na tarefa e sensação de estar “preso” em pequenos detalhes.

Na obra “Sociedade do Cansaço”, Han (2015) explica que a sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre, elas geram novas coerções. Onde antes havia a dialética de senhor e escravo, agora há, ao contrário, uma relação onde o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho, onde não há espaço ao lazer. Através da sociedade do desempenho, essa auto exploração por extrair o máximo de si o tempo todo é refletida com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção.

A vida contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do ver. No Crepúsculo dos ídolos, Nietzsche formula três tarefas, em vista das quais a gente precisa de educadores. Devemos aprender a ler, devemos aprender a pensar, devemos aprender a falar e a escrever. A meta desse aprendizado seria, segundo Nietzsche, a “cultura distinta”. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender-a-ver seria a “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito” (Geistigkeit). Temos de aprender a “não reagir imediatamente a um estímulo, mas tomar o controle dos instintos inibitórios, limitativos”. A falta de espírito, falta de cultura repousaria na “incapacidade de oferecer resistência a um estímulo”. Reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento. Aqui, Nietzsche nada mais propõe que a revitalização da vida contemplativa. Essa vida não

² Um estado de foco elevado e intenso de qualquer duração, que provavelmente ocorre durante atividades relacionadas à escola, passatempos ou “tempo de tela” (Ex: videogames, TV, navegar na internet, rolar feeds, entre outros).

³ A hiperatenção (ou hiperfoco) é um fenômeno que reflete a completa absorção de uma pessoa em uma tarefa, a um ponto em que uma pessoa parece ignorar completamente ou ‘desligar’ todo o resto. Apesar de frequentemente mencionado, principalmente em literatura em contexto clínico, a hiperatenção, embora ostensivamente autoexplicativo, é mal definido na literatura. Como é relatado no artigo “*Hyperfocus the forgotten frontier of attention*” (ASHINOFF; ABU-AKEL, 2021).

é um abrir-se passivo que diz sim a tudo que advém e acontece. Ao contrário, ela oferece resistência aos estímulos opressivos, intrusivos. Em vez de expor o olhar aos impulsos exteriores, ela os dirige soberanamente. Enquanto um fazer soberano, que sabe dizer não, é mais ativa que qualquer hiperatividade, que é precisamente um sintoma de esgotamento espiritual. A dialética do ser-ativo que escapa a Arendt consiste no fato de que a agudização hiperativa da atividade faz com que essa se converta numa hiperpassividade, na qual se dá anuência irresistivelmente a todo e qualquer impulso e estímulo. Em vez de liberdade, ela acaba gerando novas coerções. É uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres (HAN, 2015, p. 30).

Han (2015) descreve a hiperpassividade como uma condição em que indivíduos se tornam excessivamente passivos e resignados, assim como reativos, sem capacidade de resistir ou agir contra as demandas do sistema. Na sociedade contemporânea de desempenho e realização, os indivíduos são levados a melhorar constantemente a si mesmos e a sua produtividade, levando a um estado de exaustão e esgotamento.

Ainda segundo o autor, a sociedade disciplinar dependia de forças externas, como regulamentos e regras, para controlar os indivíduos. No atual modelo estes mecanismos estão internalizados nos indivíduos, como autodisciplina e automonitoramento. Indivíduos autogovernados e auto-otimizados, conduzindo-os a um estado constante de ansiedade e pressão. A hiperpassividade é um mecanismo para lidar com essa pressão, uma forma de lidar com as demandas avassaladoras do sistema.

Sujeitos de desempenho hiperpassivos tornam-se incapazes de perceber, desafiar e interromper o *status quo* do sistema para exigir um sistema melhor. Por essa razão a hiperpassividade é para Han (2015) uma condição perigosa, pois mina a possibilidade de resistência e mudança. Portanto, o filósofo defende a necessidade de reavaliar a passividade como uma forma de reivindicar a própria capacidade de agir e de ter autonomia diante das demandas do sistema.

Logo, as pessoas da sociedade do desempenho em meio ao ritmo hiperprodutivo do qual condicionaram-se às múltiplas telas, a torrentes de informações, à alternâncias entre *multitaskers* e hiperatenção (do qual seus cérebros não foram projetados para tal atividade), apoiadas pela hiperpassividade, tratam-se, segundo Han (2015), de um retrocesso civilizatório, que pode ser prejudicial à saúde mental e física, à qualidade de vida, à segurança, além de afetar negativamente a produtividade e a qualidade do trabalho. Por isso, é necessário aprender formas de evitar, interromper e perceber tais ameaças.

2.4 NARCISISMO, INFARTOS PSÍQUICOS, QUESTÕES NEURONAIS (DEPRESSÃO, SÍNDROME DE BURNOUT, SÍNDROME DO PÂNICO, TDAH)

O sistema capitalista é baseado na busca pelo lucro e na competição, e para se destacar em um ambiente altamente competitivo, muitas vezes adota-se uma postura egoísta e a prioridade do próprio sucesso em detrimento dos demais, por isso o valor está em se destacar individualmente em vez de cooperar com os demais.

Durante a guerra fria entre os Estados Unidos da América e União Soviética, um dos principais modos de combate utilizado pelo povo americano foi exportar seu estilo de vida. Com ideias como construir-se a si mesmo, na busca pelo sucesso e reconhecimento pessoal, incentivando a glamourização de celebridades que reforçam a imagem pública atraente e a admiração de outros. Essa busca por reconhecimento e admiração pode levar a um comportamento narcisista. O transtorno de personalidade narcisista se dá segundo a literatura como:

Um padrão difuso de grandiosidade (em fantasia ou comportamento), necessidade de admiração e falta de empatia que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos, conforme indicado por cinco (ou mais) dos seguintes:

1. Tem uma sensação grandiosa da própria importância (p. ex., exagera conquistas e talentos, espera ser reconhecido como superior sem que tenha as conquistas correspondentes).
2. É preocupado com fantasias de sucesso ilimitado, poder, brilho, beleza ou amor ideal.
3. Acredita ser “especial” e único e que pode ser somente compreendido por, ou associado a, outras pessoas (ou instituições) especiais ou com condição elevada.
4. Demanda admiração excessiva.
5. Apresenta um sentimento de possuir direitos (i.e., expectativas irracionais de tratamento especialmente favorável ou que estejam automaticamente de acordo com as próprias expectativas).
6. É explorador em relações interpessoais (i.e., tira vantagem de outros para atingir os próprios fins).
7. Carece de empatia: reluta em reconhecer ou identificar-se com os sentimentos e as necessidades dos outros.
8. É frequentemente invejoso em relação aos outros ou acredita que os outros o invejam.
9. Demonstra comportamentos ou atitudes arrogantes e insolentes. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2012-2013, p. 669-670)

A sociedade do desempenho pautada em resultados leva a um aumento da competição e individualismo. Assim as pessoas se concentram excessivamente em si mesmas e em suas imagens públicas, a fim de se destacar em um ambiente altamente competitivo, o que pode levar a um aumento de seu perfil egóico e a falta de empatia pelos outros.

Toda essa pressão autoimposta sobre o indivíduo pode levar ao que Han (2015) descreve como infartos psíquicos, que são os colapsos mentais causados quando as pessoas são incapazes de lidar com a pressão constante da sociedade do desempenho gerada por seus narcisismos.

A Depressão, Síndrome de Burnout e Síndrome do Pânico são exemplos de questões neuronais que podem ser exacerbadas neste modelo social. Portanto, observar as enfermidades de cada época ajuda a compreender a realidade cotidiana do período em questão. As enfermidades neurológicas observadas por Han (2015) são marcos para esse período contemporâneo. Preocupado em compreender as razões para tanta Depressão, Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou Síndrome de Burnout (SB), o filósofo observa que:

Vivemos em uma sociedade que está se tornando cada vez mais narcisista. As pessoas investem sua libido principalmente em sua própria subjetividade. O sujeito narcisista não consegue definir claramente seus próprios limites. O mundo aparece como uma sombra de si mesmo. As fronteiras entre eles e os outros são, portanto, confusas. Eles são incapazes de reconhecer e aceitar os outros em sua alteridade. A depressão é uma doença narcisista. Eros e depressão são opostos um ao outro. Eros arranca o sujeito de si para o outro. A depressão, ao contrário, faz com que o sujeito desmorone em si mesmo. O narcisista cumpridor de metas dos dias atuais se concentra principalmente no sucesso. O sucesso implica uma confirmação de si mesmo pelos outros. Essa lógica de reconhecimento emaranha o narcisista completamente ainda mais profundamente em seu ego. Através da qual ele desenvolve uma depressão impulsionada pelo sucesso. O sujeito depressivo complacente afunda e se afoga em si mesmo. Eros, por outro lado, possibilita uma experiência do Outro, em sua alteridade; isso guia o sujeito para fora de seu inferno narcisista. Estabelece uma autonegação voluntária, um esvaziamento voluntário (HAN, MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT, 2015).

Para Han (2015), alguns distúrbios psicológicos são sintomas da Sociedade do Cansaço, dentre estes estão a Depressão e o Burnout. O excesso de liberdade contemporâneo induz a crença de que a autorrealização, que leva a uma série de exigências quanto ao próprio desempenho, acabam por se tornar uma compulsão, passando o indivíduo a explorar-se intensamente e apaixonadamente até colapsar. Esse colapso pode vir de duas formas, a Depressão e o Burnout.

A Depressão é o momento em que o sujeito de desempenho não consegue mais produzir, pois sofre de síndrome de esgotamento profissional. Então, responsabiliza-se culpando-se por não cumprir as autoexigências de desempenho. Esse sentimento de fracasso leva-o a autorrepreensões destrutivas e a autoagressão. Contudo, essa definição é uma definição própria do autor, a definição de depressão que vem da literatura especializada no campo de estudos psicológicos sugere uma análise muito mais profunda e estruturada, demonstrando que existem

diversas formas de depressão, onde muitas delas não se ajustam à definição exposta anteriormente.

Do ponto de vista psicológico, as síndromes depressivas têm como elementos mais salientes o humor triste e desânimo (DEL PINO, 2003). Entretanto, elas caracterizam-se por uma multiplicidade de sintomas afetivos, instintivos e neurovegetativos, ideativos e cognitivos, relativos a auto valoração, à vontade e à psicomotricidade. Também podem estar presentes, em formas graves de depressão, sintomas psicóticos (delírios e/ou alucinações), marcante alteração psicomotora (geralmente lentidão ou estupor) e fenômenos biológicos (neurais ou neuro-endócrinos) associados. As síndromes depressivas são atualmente reconhecidas como um problema prioritário da saúde pública. Segundo levantamento da OMS, a depressão maior unipolar é considerada a primeira causa de incapacidade entre todos os problemas de saúde (incapacidade definida como uma variável composta por duração do transtorno, e uma série de 22 indicadores de disfunção e sofrimento). (DALGALARRONDO, 2018, p. 612)

Burnout, assim como na Depressão, o sujeito de desempenho não sustenta mais suas demandas autoimpostas de produção, metas e propósitos, também levando à autorrecriminação destrutiva e à autoagressão. Contudo, este indivíduo continuará produzindo até que não seja mais capaz de “ser capaz”, travando uma guerra contra si, levando ao total esgotamento. O Ministério da Saúde define Burnout como:

Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. Esta síndrome é comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros. A Síndrome de Burnout também pode acontecer quando o profissional planeja ou é pautado para objetivos de trabalho muito difíceis, situações em que a pessoa possa achar, por algum motivo, não ter capacidades suficientes para os cumprir. Essa síndrome pode resultar em estado de depressão profunda e por isso é essencial procurar apoio profissional no surgimento dos primeiros sintomas (BRASIL, n.p.).

Essa “liberdade” é denunciada por Han (2015) como uma crise de liberdade, pois gera demasiados distúrbios psicológicos que são para ele sintomas de uma sociedade adoecida. Tomados da crença de liberdade de escolha, em nome da autorrealização e auto-otimização, as pessoas buscam explorar-se apaixonadamente até o colapso ou morte. Essa lógica faz com que elas desejem sempre antecipar o próximo estágio, ou seja, ao atingir uma conquista, as pessoas passam imediatamente a desejar e trabalhar para a próxima conquista, mais uma vez colocando-se à frente do tempo presente do estágio que se encontram. Projetando-se para um momento futuro de realização. Já que não é possível ser mais do que se é, acabam através dessa lógica

caminhando em direção ao colapso, acreditando serem livres, quando na verdade são escravas de si, explorando-se permanentemente mesmo que sem um senhor.

(...) Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos. Com isso, a exploração é possível mesmo sem senhorio. Pessoas que sofrem com a depressão, com o TPL ou SB desenvolvem sintomas iguais aos que apresentavam também aqueles mulçumanos nos campos de concentração (HAN, 2015, p. 27).

As crises de pânico são definidas (COSTA PEREIRA, 1997, p. 209) como crises intensas de ansiedade, nas quais ocorrem importantes descargas do sistema nervoso autônomo. Os sintomas costumam ser: taquicardia, suor frio, tremores, desconforto respiratório ou sensação de asfixia, náuseas, formigamentos em membros e/ou lábios. Crises intensas podem apresentar diversos graus de despersonalização, que se revela como sensação de a cabeça ficar leve, de o corpo ficar estranho, sensação de perda de controle e estranhar a si mesmo. Pode também ocorrer a desrealização, que é a sensação de que o ambiente, antes familiar, pareça estranho, diferente, não familiar. Outras características que ocorrem com frequência é a de um considerável medo de ter um ataque cardíaco, um infarto, de morrer e/ou enlouquecer. As condições para desencadear essas crises são diversas como: aglomerados humanos, ficar “preso” (ou com dificuldade para sair), situações de ameaça, etc., e não apenas as levantadas por Han (2015).

Os valores da sociedade disciplinar e da sociedade de desempenho falam a respeito de um modelo de produção do capital que transformado em *modus vivendi* para todas as dimensões da existência. Han (2015) também aborda em seu livro a “Sociedade do Cansaço”, a sociedade de sobrevivência, onde os valores estão voltados à saúde e sobrevivência a qualquer custo, levando a uma histeria para sobreviver. O autor atenta que em nenhum desses modelos sociais é considerada a capacidade de valorização da qualidade de vida das pessoas, sacrificando voluntariamente tudo que torna a vida digna de ser vivida, reduzindo-a a valores que possam alimentar os sistemas em vigência, sem ao menos questionar esses valores de qualidade de vida.

Desta maneira, a sociedade do desempenho é pautada em valores de produção de capital e produtividade vinda das ideias capitalistas que alicerçam a sociedade, contudo, a excessiva forma desequilibrada como acontece incentiva o narcisismo dos indivíduos, na busca por autoaperfeiçoamento e autodisciplina, com intenção de construir-se para o sucesso que imagina para si. O resultado importa mais do que qualquer processo, e todo o processo torna os indivíduos cada vez mais narcisistas e menos empáticos, cedendo posteriormente a toda pressão

causada pelas autoimposições acaba por gerar em muitos casos infartos psíquicos que são observados frequentemente como os adoecimentos neuronais que assolam nossos tempos e que falam a favor de uma vida que não consegue viver sob a égide da exploração e do trabalho.

2.5 SÍNTESE

A sociedade do desempenho é um conceito estudado por Han (2015) que descreve a transformação da sociedade industrial em uma sociedade que valoriza o desempenho individual. Onde o indivíduo é responsável por sua própria produtividade e sucesso, e deve estar sempre melhorando e se superando.

Essa sociedade de desempenho é caracterizada por um sistema de controle que é baseado na autoexploração e autovigilância, em que o indivíduo é incentivado a se responsabilizar por seu próprio sucesso, assumindo uma atitude empreendedora em relação a si mesmo. Essa atitude leva a uma pressão constante para o desempenho, o que pode levar a condições de estresse, Burnout e doenças mentais.

O filósofo Byung-Chul Han também argumenta que, na sociedade do desempenho, a liberdade se transforma em autocontrole, em que o indivíduo é compelido a se submeter a um regime de disciplina que leva a uma sensação de isolamento e solidão. Nesta sociedade se valoriza a produtividade e a eficiência, mas em detrimento da liberdade e da criatividade. É uma sociedade sem inimigos, sem uma clara divisão entre opressores e oprimidos, mas que em vez disso, cria uma dinâmica de inclusão-exclusão que reforça a normatividade e a homogeneização.

A leitura contextual da sociedade do cansaço pode ser situada dentro do debate mais amplo sobre as transformações do capitalismo e a influência da tecnologia e da comunicação na vida cotidiana. A obra de Han pode ser vista como uma crítica à cultura do trabalho e à ideologia do progresso, que valoriza o esforço individual e a eficiência, em detrimento do bem-estar e da saúde mental das pessoas. A obra se apresenta como um alerta sobre os limites do modelo econômico atual, que impõe uma lógica de aceleração e competitividade que pode levar à exaustão e ao colapso individual e coletivo.

3 OS IMPACTOS DA SOCIEDADE DO DESEMPENHO NA EDUCAÇÃO

A relação intrínseca entre a ciência e a política tem sido objeto de amplo debate e análise no âmbito acadêmico por teóricos como Michel Foucault, Donna Haraway, Bruno Latour, Thomas Kuhn, entre outros. A ciência, ao longo de sua história, demonstra uma estreita ligação com o campo político, sendo impossível dissociar completamente essas duas esferas. Não há ciência que possa ser considerada completamente isenta de política, pois inevitavelmente se envolve em disputas de poder com outras visões de mundo. E reconhecer essa realidade é fundamental para compreender os interesses e as influências que permeiam a produção científica e suas relações com o contexto político mais amplo.

A ciência opera a partir de um determinado paradigma, um conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos que moldam suas investigações e interpretações do mundo. Por meio desse paradigma, a ciência constrói discursos que visam compreender e explicar fenômenos, processos e relações complexas. No entanto, à medida que esses discursos ganham espaço e influência, eles inevitavelmente entram em disputa pelo poder. No paradigma científico atual, a mensuração dos dados é essencial para se atingir um resultado satisfatório, no entanto, essa linha se agita e escapa quando se torna necessário medir subjetividades e utilizar esses dados para alimentar as políticas públicas democráticas. “[...] A expressão “era da avaliação” (*age of assessment*) reflete a progressiva disseminação da prática de se basear políticas públicas em evidências científicas e dados técnicos” (RAYNER, 2003, p. 163-4 *apud* MITRE, 2016, p. 281).

A própria natureza da política, palavra derivada do termo grego “*polis*”, remete à ocupação do espaço público e à busca por influência e poder nesse espaço. Nesse sentido, a ciência não pode ser excluída dessa dinâmica política, pois ela também busca ocupar esse espaço público e fazer valer suas perspectivas e interesses.

Ciência e política vivem um relacionamento paradoxal. Ao mesmo tempo que a ciência ganha autoridade a partir de sua suposta capacidade de orientar decisões sobre políticas públicas, uma aproximação excessiva com o campo político é uma das maiores ameaças à sua legitimidade. A recíproca também é verdadeira: ao mesmo tempo em que os políticos se valem da autoridade dos cientistas para defender seus pontos de vista, a aceitação do caráter meramente técnico das tomadas de decisão parece tornar quase dispensável a atuação dos primeiros, assim como o exercício do voto e outras formas de participação popular. É nesse sentido que se diz que “apenas boas cercas fazem da política e da ciência bons vizinhos”.

Tais “cercas”, no entanto, são construídas predominantemente na esfera do discurso, isto é, na tentativa, por parte dos grupos de interesse, de monopolizar a definição de um problema como sendo “da política” ou “da ciência” e, conseqüentemente, determinar quem está apto a resolvê-lo. Esse processo é conhecido na literatura de estudos sociais da ciência e da tecnologia como *boundary-work*, ou demarcação de fronteiras. (...) É nesse sentido que muitos cientistas se valem da dicotomia “poluição”

versus “pureza” para vencer disputas epistêmicas – isto é, asseguram que o argumento do colega, longe de puro, está poluído por interesses econômicos, políticos, ou simplesmente turvado pela incorreção dos dados (GIERYN, 1995, p. 435-6 *apud* MITRE, 2016, p. 287).

Ao longo da história do pensamento científico fica evidente que a ciência sempre esteve intrinsecamente ligada à política. Exemplos contemporâneos também comprovam essa relação, como o uso do conhecimento científico na construção de bombas atômicas ou reatores nucleares, onde a escolha de como esse conhecimento será empregado no espaço público também revela sua natureza política. Tal influência desemboca atualmente nas questões de controle das subjetividades de que trata Han (2015). É através dessa relação íntima entre ciência e poder que o capitalismo assalta as subjetividades estendendo seus tentáculos ao nível dos desejos e transformando o processo de exploração em autoexploração.

A influência mútua entre ciência e educação torna-se, também, cada vez mais inegável, uma vez que a ciência molda e é moldada nos espaços acadêmicos e no ensino. Gadotti (2003), em sua análise da história das ideias pedagógicas, demonstra claramente que a educação, nas antigas aldeias, estava voltada para a formação integral do indivíduo, onde as crianças aprendiam habilidades práticas para sua sobrevivência, como caçar e nadar. No entanto, com o surgimento de sociedades mais complexas, a educação passou a refletir as lógicas políticas em vigor, e, a partir delas, estabelecendo suas propostas voltadas para a manutenção e perpetuação das classes sociais e suas disparidades, que mantém uma minoria no centro do poder e a maioria no espaço da obediência. Mesmo quando a ciência evolui ao ponto de facilitar a análise por parte das massas – o que dificilmente acontece, uma vez que os dominantes se apropriam também das ciências e dificultam o acesso das massas a ela –, a lógica dominante e dominadora também evolui suas técnicas de domínio, como denuncia Han (2015). Essa evolução é compreensível, considerando que a humanidade viveu milênios em um contexto marcado por dominação, opressão, exploração e conflitos. A lógica do colonizador e as estruturas de poder se disseminaram em todas as camadas da sociedade, exercendo influência tanto na ciência quanto na educação.

Na comunidade primitiva a educação era confiada a toda a comunidade, em função da vida e para a vida: para aprender a usar o arco, a criança caçava; para aprender a nadar, nadava. A escola era a aldeia. Com a divisão social do trabalho, onde muitos trabalham e poucos se beneficiam do trabalho de muitos, aparecem as especialidades: funcionários, sacerdotes, médicos, magos, etc.; a escola não é mais a aldeia e a vida, funciona num lugar especializado onde uns aprendem e outros ensinam. A escola que temos hoje nasceu com a hierarquização e a desigualdade econômica gerada por aqueles que se apoderam do excedente produzido pela comunidade primitiva. A história da educação, desde então, constitui-se num prolongamento da

história das desigualdades econômicas. A educação primitiva era única, igual para todos; com a divisão social do trabalho aparece também a desigualdade das educações: uma para os exploradores e outra para os explorados, uma para os ricos e outra para os pobres (GADOTTI, 2003, p. 26).

É por isso que a ciência, a política e a educação estão entrelaçadas em nossa história e na história da humanidade. Compreender essa interconexão é muito importante para refletirmos sobre os desafios éticos e sociais que envolvem a produção e disseminação do conhecimento científico e seu impacto na sociedade atual.

No contexto histórico atual, fica evidente que a lógica exploratória e predatória da sociedade não é mais sustentável para o planeta e para o bem-estar das pessoas. O economista Amartya Sen (2000), ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998, entre outras contribuições, tornou-se também reconhecido mundialmente por seu extenso trabalho no campo do desenvolvimento humano, criticando a ênfase exclusiva no Produto Interno Bruto (PIB)⁴ como uma medida de progresso e propôs o uso de indicadores mais abrangentes como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁵. As preocupações com a qualidade de vida das populações são refletidas nos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), um valor econômico reconhecido pela ONU. O mundo se tornou um lugar interligado, e estamos em um estágio em que precisamos abandonar visões simplistas e ultrapassadas de dominação. A economia, como ciência avançada, adota conceitos interdisciplinares para analisar nossas necessidades complexas. E mesmo assim ainda é capturada pelo sistema para fazer funcionar os interesses dominantes.

O desenvolvimento humano é primeira e primariamente um aliado dos pobres, mais do que dos ricos e abastados. Um país que garante a todos cuidados de saúde e educação pode conseguir resultados notáveis em termos de duração e qualidade de vida de toda a população. A natureza geradora dos cuidados de saúde e da educação básica torna-os suficientemente baratos nos primórdios do desenvolvimento econômico, quando custos laborais são baixos (SEN, 2000, p. 39).

⁴ PIB (Produto Interno Bruto) trata-se de uma medida da quantidade de bens e serviços produzidos por um país e mede seu desenvolvimento por nível de produção. “O PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano. Todos os países calculam o seu PIB nas suas respectivas moedas.

⁵ IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) trata-se de uma abordagem muito mais eficiente sobre o desenvolvimento social de uma comunidade que leva em consideração questões mais humanas. A definição que a ONU traz para o índice é: “O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral e sintética que, apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, não abrange nem esgota todos os aspectos de desenvolvimento”.

No âmbito educacional, percebe-se que a educação se curva ao processo produtivista e à sustentação das bases de uma sociedade que enfrenta problemas de adoecimento, conforme apontado por Byung-Chul Han em seus trabalhos. E, em grande parte, não oferece resistência e funciona como máquina-de-Estado (GALLO, 2005). Alguns professores abrem minúsculas brechas num sistema muito bem elaborado para adestrar e que funciona de cima para baixo. Ainda que ofereçam resistência, não conseguem operar como máquina-de-guerra (GALLO, 2005) para implodir o sistema. Nesse cenário, é necessário persistir em promover mudanças de rota, ainda que gradualmente, abrir brechas e inventar dispositivos de interrupção (PÁL PELBART, 2016) para uma sociedade mais livre e, conseqüentemente, menos doente. Diversas pesquisas, incluindo esta, abordam aspectos importantes para repensarmos o caminho em direção a uma sociedade mais saudável e isso perpassa uma educação libertadora (FREIRE, 2005).

Tanto a ciência quanto a educação carecem de uma autocrítica profunda, evitando cair em dispositivos que esvaziam seus propósitos. Ambas precisam construir objetivos que vão além do tecnicismo/cientificismo, até mesmo uma formação que tenha como horizonte o mercado de trabalho.

Já possuímos tecnologia, conhecimento científico, avanços em transportes, comunicação e informação, engenharia econômica e de alimentos para erradicar a fome no planeta. No entanto, ainda testemunhamos ações questionáveis de alguns bilionários que gastam fortunas em projetos de saída da Terra enquanto graves problemas como fome, poluição marinha, extinção de espécies e desequilíbrios ambientais persistem.

Filósofos e pesquisadores, como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Peter Pál Pélbart e agora, na contemporaneidade, como Sílvio Gallo, cuja genealogia do pensamento é trilhada pela orientadora desse trabalho, Maristela Barenco, além de muitos outros, defendem uma abordagem educacional que leve em consideração a produção de singularidade dos sujeitos, de forma a enfrentar o poderoso processo de subjetivação e modelização a que nos vemos expostos. A ausência dessa perspectiva singular é percebida por eles como um ponto a ser explorado para minimizar os inúmeros adoecimentos enfrentados na atualidade. Essa reflexão sobre a singularidade dos indivíduos pode trazer contribuições valiosas para repensar e reestruturar o sistema educacional, atualmente tão harmônico às políticas dominantes, e, portanto, homogeneizador.

Essa contemporânea Sociedade do Desempenho apresenta uma estrutura que impulsiona os indivíduos a uma incessante busca por produtividade, eficiência e sucesso

peçoal. Essas dinâmicas, contudo, ultrapassam os limites do ambiente corporativo ou econômico e permeiam todos os aspectos da vida social, inclusive a educação, tanto no aspecto pedagógico quanto na formação das subjetividades dos indivíduos.

À luz das reflexões de Byung-Chul Han (2015), exploradas no capítulo anterior, percebemos a necessidade de questionar o impacto dessas demandas por resultados e desempenho nas práticas educacionais, nas relações entre educadores e educandos e na própria concepção de aprendizagem. Neste capítulo, adicionamos as ideias de educadores e filósofos como Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault e outros, proporcionando abordagens contra-hegemônicas para a reflexão sobre a educação.

Nesse contexto, observaremos como a ênfase na competição, na produtividade individual e na incessante busca por resultados tangíveis influenciam o ambiente educacional, a motivação dos estudantes e a formação de uma mentalidade voltada para o desempenho a qualquer custo. Também acreditamos na necessidade de atentar para as possibilidades de resistência e transformação diante dessa realidade, vislumbrando alternativas que valorizem uma educação humanizadora, crítica e voltada para a formação integral dos sujeitos.

3.1 EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

A sociedade contemporânea é permeada por modos de subjetivação que moldam a maneira como os indivíduos se veem e se percebem em relação ao mundo e aos outros. Esses padrões, que são influenciados por fatores culturais, históricos, socio-políticos e econômicos, desempenham um papel crucial na construção da identidade de cada pessoa. A dinâmica desses modos é essencial para uma educação comprometida com a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de enfrentar e resistir às imposições que muitas vezes são prejudiciais à sua singularidade e ao respeito à diversidade. Compreender como a educação se relaciona com os modos de subjetivação dominantes presentes em uma sociedade é fundamental para uma análise crítica da influência das normas, valores e crenças predominantes na formação das identidades individuais e coletivas.

Diferentemente do que podemos supor e imaginar, a subjetividade não é uma propriedade de um indivíduo, fechado em si mesmo, nem o somatório de todas as individualidades, nem a atualização de uma essência metafísica. Embora tenhamos corpos e nomes próprios e estejamos na posição de consumidores de subjetividade, somos atravessados por uma multiplicidade de condicionamentos, que nos modelizam não ao nível de uma representação, de natureza ideológica, mas através de um processo invisível, subliminar, inconsciente, que invade o nível dos sonhos, das fantasias, dos apaixonamentos, enfim, em relação a uma “economia coletiva do

desejo”. É um processo sutil que se encarna na vida e não fica apenas ao nível das idéias. Há uma íntima ligação entre produção social, material e semiótica (produção de sentido). Tais processos podem, em algumas circunstâncias, se “individualar”, mas são processos eminentemente sociais, que tomam formas particulares. (MELLO, 2018, p. 447-448)

E ainda:

[...] A subjetividade desponta como dimensão de uma esfera particular, menor, que se contraporia à dimensão de uma esfera pública, maior, a do político. Até mesmo pensadores, autores, propositores de novas lógicas, práticas e campos sociais e políticos têm muitas vezes caído no risco de se sentirem liberados de se pensarem a questão de uma subjetividade que os e nos atravessa, sobretudo como perspectiva política. (MELLO, 2011, p. 158)

No contexto da educação, surge a necessidade de explorar como as instituições de ensino podem abordar, de forma consciente e ética, os modos de subjetivação dominantes. A educação tem o potencial de se tornar uma ferramenta transformadora, capaz de desconstruir estereótipos, promover a valorização da diversidade e encorajar a singularização dos indivíduos, ou fazer o oposto. Ao possibilitar ou inibir uma reflexão crítica sobre os padrões impostos pela sociedade, a educação pode fortalecer/podar o desenvolvimento de identidades autênticas e empoderadas.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. [...] Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à praticidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objetivo cognoscível (FREIRE, 1984, p. 38-39).

A constatação de Freire (1984) do fenômeno do qual passa o oprimido, de hospedar dentro de si a lógica dos opressores, reforça a importância de uma pedagogia que restaure a intersubjetividade (FREIRE, 1984, p. 43). Nesta linha interpretativa, Mello (2018, p. 447) diz que nossos modos de pensar, como agentes sociais, educadores e ou políticos, ainda não representam certa ruptura epistemológica e ideológica com a normatividade e com a discursividade a qual queremos desconstruir. Sendo necessário outras lógicas.

A lógica rizomática não é oposta à da árvore. É apenas um antimodelo. (...) O rizoma nos lembra que a vida não é estrutura, totalidade determinada, não é linear e preexistente, mas fluxo de agenciamentos com um fora. Pensemos na imobilidade e realidade estática da estrutura, com seus pontos. Agora, coloquemos muita velocidade nesse quadro imaginado. A estrutura se desfaz. Os pontos convertem-se em linhas: de articulação, segmentaridade, estratificação, fuga, desterritorialização... Um rizoma é atravessado por essas múltiplas linhas e agenciamentos. Por eles, as realidades se ampliam e mudam de natureza por se conectarem a outras. Existem territórios, como momentos de apropriação e subjetivação, mas que são sobretudo mapas, conectáveis de todas as maneiras, com múltiplas entradas e saídas. Um território se define por um fora. E há os devires, fluxos de desejos, que nos movimentam em um intempestivo... (MELLO, 2005 *apud* MELLO, 2011, p. 26)

A educação pode atuar como agente de mudança social, fomentando uma cultura de respeito, empatia e inclusão. Mello (2011, p. 21) expõe que “a ciência clássica, tal como a conhecemos, ainda é a ciência dos objetos: privilegia a objetividade em detrimento da subjetividade como a dimensão que qualifica e legitima o conhecimento, não avançando na superação da dicotomia”. Além disso, veremos alguns casos em que práticas pedagógicas existentes que reforçam a importância do estudo e a importância de práticas inovadoras que buscam romper com os modos de subjetivação dominantes, promovendo a formação de cidadãos plenos de sua identidade, capazes de contribuir positivamente para uma sociedade mais justa e igualitária.

Silvio Gallo (2005) concebe a filosofia da educação como a intersecção de dois campos distintos: a filosofia e a educação. Para essa produção de conceitos, ele pensa ser de especial importância o movimento que gosta de chamar de deslocamento. Isto é, deslocar conceitos criados por filósofos para um campo que não é o seu e, com isso, introduzir novos elementos no conceito, talvez retirar alguns de seus componentes originais, tornando-o outro, ou, para dizer de outra maneira, criando um novo conceito. E assim, deslocando-os para um outro tempo e uma outra circunstância, potencializá-los significativamente.

O autor Silvio Gallo (2005) no diálogo com filósofos franceses contemporâneos, em especial Deleuze, Guattari e Foucault, pensa que a subjetividade é produzida. E que a educação, notadamente a escolar, é uma forma de territorialização da subjetividade, isto é, uma forma de subjetivação. A educação, sobretudo a escolarizada, investe numa serialização, para usar um conceito *sartriano*, isto é, um processo de formação de subjetividades em série, reproduzindo-se a si mesmas, como que curto-circuitando o movimento, fazendo com que ele se torne um “eterno retorno do mesmo”. Ao contrário, escapar da serialização, produzir diferença, sair do mesmo e criar o novo. Educação-máquina-de-guerra contra educação-Estado-instituída.

Um novo tipo ou modo de fazer se fazer política, seja ambiental, seja social, seja econômica, que se pautar por princípios socialistas ou sustentáveis, de preferência democrática, não pode ser tecida sem um novo tipo de análise, sem uma micropolítica, sem uma cartografia dos itinerários do desejo cotidiano, sem um outro tipo de prática, sem um outro tipo de consciência e lógica, sem um outro tipo de sensibilidade, sem uma outra discursividade, sem uma epistemologia complexa, que inclua o ser humano, as subjetividades, o inconsciente e o desejo - que foram recalcados -, nos entrecruzamentos a serem transformados, produzindo modos de singularização, potentes e autônomos, capazes de criarem e se recriarem, a um só tempo (MELLO, 2018, p. 449).

Desta forma a relação entre educação e processos de subjetivação contribui para a reflexão sobre o papel transformador da educação na construção de identidades mais autênticas e na desconstrução dos modos de subjetivação que perpetuam desigualdades e injustiças sociais. A educação, ao assumir esse compromisso, pode tornar-se uma aliada essencial na busca por uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, onde a singularidade de cada indivíduo seja valorizada e celebrada. Desempenhando um papel fundamental diante dos modos de subjetivação dominantes em uma sociedade.

[...] muito pouco insistirmos em uma discursividade que afirma que a subjetividade foi produzida como não-existência nestes últimos séculos por um modelo científico racionalista e objetivista. Trazê-la à existência supõe mais, supõe reconhecer sua importância como estratégia de modelização de pessoas, grupos e sociedades a determinados sistemas. Precisamos urgentemente compreender a importância dos processos de subjetivação que, invisíveis ou não, constituem a matriz do tecido social e do modelo de sociedade que vivemos. Se o pensamento de Marx foi emblemático no sentido de nos fazer conhecer as engrenagens dos sistemas econômicos, no processo de exploração do trabalho e da produção de lucro e mais-valia econômica capitalistas, o pensamento de Guattari e Rolnik é emblemático não tanto na descoberta da dimensão de subjetividade, mas na enunciação de uma economia subjetiva que se constitui em relação com uma economia política no sistema capitalista; na constatação de que a força da subjetividade capitalista se produz tanto ao nível dos chamados opressores e dos oprimidos; no sentido de se ocuparem de uma reflexão teórica que nos permita conhecer as engrenagens dos sistemas ideológicos e subjetivos, como processo de produção de mais-valia do poder (MELLO, 2011, p. 159).

A conexão entre a sociedade do desempenho e a educação pública no Brasil pode ser observada em diversos níveis: no modo como a sociedade contemporânea, em sua ênfase no desempenho individual, afeta o sistema educacional e a formação dos estudantes; nas relações de trabalho do ambiente de ensino; nas relações de estrutura e produção científica dos meios acadêmicos. Perpetuando os processos de subjetivação que são explorados por Gallo (2005), onde ele define Educação-máquina-de-guerra contra educação-Estado-instituída.

Já o indivíduo, para Guattari, é compreendido como resultado de uma produção de massa, porque estaria no entrecruzamento de várias dimensões coletivas desta subjetividade, de diferentes naturezas, como sociais, econômicas, tecnológicas, psíquicas, midiáticas (1986, p.34). Não constitui uma “totalidade egoica”, mas um

“terminal individual que se encontra na posição de consumidor de Subjetividade”. Guattari identifica na “cultura de massa” ou “cultura-mercadoria” o elemento fundamental desta produção subjetiva, que gera indivíduos serializados e um tipo de sociedade. Embora exista o indivíduo que se reencontra em um nome próprio, em um corpo e na tentativa de uma continuidade, há múltiplos atravessamentos nele, expressão de processos de subjetivação, na produção da fala desse indivíduo, de sua percepção, sensibilidade e imagens. Tais processos podem, em algumas circunstâncias, se “individualizar”, mas são processos eminentemente sociais, que tomam formas particulares (MELLO, 2011, p. 164).

Desta forma:

Tudo que é produzido pela subjetivação capitalística - tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam - não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 27).

Portanto, a interconexão entre subjetividade, sociedade e educação é um campo vasto e crucial para a formação de cidadãos autênticos e conscientes. A educação, ao abraçar o desafio de desconstruir os padrões impostos e promover a singularidade de cada sujeito, torna-se uma força transformadora na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ao reconhecer que a subjetividade é um processo dinâmico, influenciado por diversas esferas da vida, podemos abrir caminho para uma prática educacional que transcende a mera transmissão de conhecimento, estimulando a reflexão crítica e a construção colaborativa do saber. Dessa forma, ao investir na formação de cidadãos críticos e reflexivos, a educação assume seu papel fundamental na resistência às imposições prejudiciais à singularidade e na promoção do respeito à diversidade. Assim, no diálogo entre filósofos, educadores e agentes de transformação social, emerge a possibilidade de um novo paradigma educacional, capaz de tecer os fios de uma sociedade mais autêntica, igualitária, capaz e saudável.

3.1.1 Educação Básica e Ensino Médio

Em 30 de novembro de 1979, a banda britânica Pink Floyd lançou um videoclipe da canção *Another Brick In The Wall*. A música tece uma dura crítica ao sistema de ensino que, ao invés de estimular o aluno, constrange e limita. Na canção há a denúncia de um sistema de educação que induz os alunos a não pensarem e questionarem, mas sim a repetirem e obedecerem, moldando-os para tornarem-se parte de uma linha de produção. Fazem mais de 40

anos que a banda britânica criticou o sistema de educação, de formatação, de padronização, de produção, demonstrando os alunos como parte da linha de montagem de uma indústria, onde estão aprisionados para tornarem-se parte do mecanismo que os moldou, tornando-os engrenagens para esse mesmo processo aprisionador, alimentando um ciclo.

Da mesma forma como demonstrado no clipe, muitas instituições de ensino replicam, ainda hoje, as fórmulas para uma educação que se assemelha a uma linha de produção. Também denunciado por Paulo Freire (2005) com sua crítica à educação bancária.

Dentro dos espaços de ensino, podemos facilmente criar associações entre as palavras e termos utilizados que compõem o imaginário de controle bastante aproximado aos das prisões e indústrias, que fazem parte do olhar panóptico denunciado por Foucault (1987), e que transformar-se-á progressivamente na visão da Sociedade do Cansaço de Byung-Chul Han (2015). Alguns exemplos desses termos utilizados para os espaços de ensino: grade curricular, que remete a grades de uma prisão; disciplina, disciplinar aqueles que estão presos; aluno, aquele que não tem luz; professor, aquele que professa, que fala, que exige; uniforme, tornar a forma de todos a uma única forma; diretor, aquele que dirige, que controla; coordenador, aquele que ajuda a colocar ordem; inspetores, aqueles que inspecionam carcereiros; intervalo ou recreio, banho de sol; carga horária, peso de horas, regime de semiaberto, etc. Os modos de dizer as coisas têm a ver com os modos de conversar a vida.

A estrutura típica do modo como a maioria das salas de aula é disposta é um evidente mecanismo de controle. O arranjo das carteiras dos alunos existe porque facilita o estabelecimento de uma relação de poder entre o professor e aluno apenas num sentido. Não há por essa posição respeito pelo que os colegas podem dar uns aos outros. Essa estrutura alheia as crianças umas às outras, fazendo-as incapazes de agir como um coletivo e, portanto, tornando-as individualistas. Ela também limita a aprendizagem porque tende a facilitar a memorização por repetição, em lugar da participação ativa.

[...] a educação sempre esteve também permeada pelos mecanismos de controle. E a disciplinarização possibilita esse controle sobre o aprendiz (o quê, quando, quanto e como o aluno aprende) e também um controle sobre o próprio aluno. A disciplina também está relacionada ao comportamento, não apenas à aprendizagem. Disciplinar o aluno é também fazer com que ele perceba seu lugar social. A disposição cartográfica de uma sala de aula, seja ela qual for, é sempre uma disposição estratégica para que o professor possa *dominar* os alunos, pois nesta concepção de escola o aprendiz só pode acontecer sob domínio. Para dizer de outra forma, uma sala de aula nunca é caótica, há sempre uma ordem implícita que, se visa possibilitar a ação pedagógica, traz também a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelo aluno (GALLO, 2000, p. 24)

E também:

A escola como máquina de produção de subjetividade produz identidades, identidades que se repetem, identidades que se produzem, identidades que, mesmo diferentes, retornam ao mesmo. A escola máquina-de-Estado é uma instituição de seriação. Não é por acaso que nossos currículos são disciplinares e seriados; esse é apenas mais um dos instrumentos para a seriação dos processos pedagógicos, para uma produção em massa de identidades, de subjetividades que reproduzam, elas mesmas, a máquina de produção. Produção em série; identidades que não estão no contexto de uma suposta “natureza humana”, mas que são produzidas e moldadas para servir aos interesses da máquina de produção que, em nosso caso, são os interesses capitalísticos. Nada a estranhar, portanto, que cada vez mais a escola siga o modelo de mercado (GALLO, 2005, p. 297-298).

O modelo educacional brasileiro tem sido marcado no modo como a sociedade contemporânea, em sua ênfase no desempenho individual, afeta o sistema educacional e a formação dos estudantes pela lógica da avaliação, do desempenho e da meritocracia, que é compatível com a Sociedade do Desempenho descrita por Byung-Chul Han (2015). Esse modelo é incentivado pelo Estado, através de políticas de avaliação como o ENEM⁶ e o SAEB⁷.

⁶ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. As notas do Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Elas também são aceitas em mais de 50 instituições de educação superior portuguesas. Além disso, os participantes do Enem podem pleitear financiamento estudantil em programas do governo, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies). Os resultados do Enem possibilitam, ainda, o desenvolvimento de estudos e indicadores educacionais. Qualquer pessoa que já concluiu o ensino médio ou está concluindo a etapa pode fazer o Enem para ter acesso à educação superior. Os participantes que ainda não concluíram o ensino médio podem participar como “treineiros” e seus resultados no exame servem somente para autoavaliação de conhecimentos. Os participantes fazem provas de quatro áreas de conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e matemática e suas tecnologias, que ao todo somam 180 questões objetivas. Os participantes também são avaliados por meio de uma redação, que exige o desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo a partir de uma situação-problema.

⁷ O Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) é um conjunto de avaliações externas em larga escala que permite ao Inep realizar um diagnóstico da educação básica brasileira e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Por meio de testes e questionários, aplicados a cada dois anos na rede pública e em uma amostra da rede privada, o Saeb reflete os níveis de aprendizagem demonstrados pelos estudantes avaliados, explicando esses resultados a partir de uma série de informações contextuais. O Saeb permite que as escolas e as redes municipais e estaduais de ensino avaliem a qualidade da educação oferecida aos estudantes. O resultado da avaliação é um indicativo da qualidade do ensino brasileiro e oferece subsídios para a elaboração, o monitoramento e o aprimoramento de políticas educacionais com base em evidências. As médias de desempenho dos estudantes, apuradas no Saeb, juntamente com as taxas de aprovação, reprovação e abandono, apuradas no Censo Escolar, compõem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Realizado desde 1990, o Saeb passou por uma série de aprimoramentos teórico-metodológicos ao longo das edições. A edição de 2019 marca o início de um período de transição entre as matrizes de referência utilizadas desde 2001 e as novas matrizes elaboradas em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A fim de atender aos normativos educacionais vigentes, a transição para as novas matrizes está acontecendo de maneira gradual. Veja os principais marcos: 2019: estudo-piloto para a avaliação da educação infantil; testes de língua portuguesa e de matemática para o 2º ano do ensino fundamental já alinhados à BNCC; testes de ciências humanas e de ciências da natureza para o 9º ano do ensino fundamental já alinhados à BNCC. 2021: implementação da avaliação da educação infantil, realizada por meio da aplicação de questionários eletrônicos para professores e diretores de creches e pré-escolas, bem como gestores das redes.

Basta tirar os olhos, um instante, das representações da política que a mídia proporciona e examinar o que se passa no teatro dos afetos - que não querem saber de nada, que não fazem senão seguir os gestos, o movimento dos lábios, as caretas, a falta de graça dos corpos - basta isso para descobrir que, na maior parte do tempo, os campeões da liberdade são tão desprezíveis quanto aos outros, os defensores do conservadorismo. E quando essa ronda começa a funcionar ao nível mais baixo, *grass-root*, rasteiro, é que entramos num processo possível de validação das práticas sociais moleculares (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 134 *apud* MELLO, 2018, p. 447).

Ao centrar-se excessivamente na avaliação de desempenho individual, corre-se o risco de transformar os espaços de ensino em verdadeiros centros de pressão e competição, onde o aprendizado é medido em quantidade de informações acumuladas, em detrimento da participação ativa e da formação cidadã. A ênfase na empregabilidade, embora relevante, não pode suplantiar a necessidade de uma educação crítica e emancipatória, capaz de formar sujeitos conscientes de seu papel na sociedade.

[...] a educação moderna foi construída em torno da escola como máquina de Estado. A escola-máquina-de-Estado opera pela repetição: a produção de subjetividades segundo uma determinada dinâmica, a fim de atender as demandas da máquina de produção. Uma produção em massa de subjetividades ou, para dizer de outra maneira, a escola-máquina-de-Estado opera um processo de subjetivação (GALLO, 2005, p. 297).

Essa ênfase no desempenho individual pode levar a uma cultura de competitividade, sobrecarga e a uma cultura do “sucesso a qualquer custo”. Os alunos são pressionados a se submeter a um ritmo acelerado de aprendizagem, são submetidos a “arquivar” uma grande quantidade de conteúdo para conseguirem sucesso nas avaliações (que medem exatamente essa quantidade de conteúdos acumulados durante a trajetória escolar), a aprendizagem pode acontecer nesse processo de acúmulo de conteúdos (ou não).

De um modo geral, raramente nos damos conta, como intelectuais, políticos ou educadores, o quanto somos capturados pelos mecanismos da mesma lógica que criticamos e queremos superar. E o quanto fazemos a manutenção destas lógicas em nossas formas de ensinar e educar, Guattari e Rolnik (1986) nos chamam a atenção para estes desafios, de forma dura e realista (MELLO, 2018, p. 447).

A nova BNCC do ensino médio brasileiro busca, de certa forma, oferecer uma formação mais diversificada e integrada, que leve em conta não apenas a necessidade de conhecimentos técnicos e habilidades profissionais, mas também a formação de cidadãos mais críticos e conscientes.

Ao integrar as diferentes áreas de conhecimento e oferecer itinerários formativos personalizados, a BNCC do ensino médio busca criar um ambiente escolar mais estimulante e menos estressante, permitindo que os estudantes explorem diferentes interesses e aptidões sem se sentir pressionados a seguir um caminho único e predefinido. Isso pode ajudar a reduzir a pressão sobre os estudantes e criar um ambiente de aprendizado mais saudável a longo prazo. Contudo, a pesquisa feita por Fabiana Alvarenga Filipe, Dayane dos Santos Silva, Aurea de Carvalho Costa “Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular” diz que a BNCC se fundamenta num projeto de formação para a empregabilidade, com a centralidade das competências, a partir de um modelo de Ensino direcionado, prescritivo e vinculado a um modelo eficientista, inspirado nas teorias comportamentais, ao qual se distancia de um projeto educativo que vise a uma formação crítica e emancipatória, ao formar para o trabalho segundo as demandas neoliberais.

A organização do trabalho, no capitalismo, estrutura-se sob o regime de acumulação privada de capital pela classe detentora dos meios de produção, a partir da exploração do trabalho da classe produtora, que se acirra a cada crise, demandando novas estratégias para a intensificação da exploração, pois somente o trabalho humano cria valor novo (MARX, 1998). Tais estratégias se desenvolvem sob o suporte do Estado burguês, o qual garante as condições favoráveis à exploração, no âmbito econômico e das instituições irradiadoras de consensos, que conformam a sociedade a esse status quo. Nesse momento do modo de produção capitalista, institui-se a estratégia políticoeconômica neoliberal, que serve à preservação dos interesses mercadológicos numa conjuntura de crise metabólica do capitalismo, como parte da solução para o processo de perdas de lucratividade. Edifica-se um novo modelo de Estado, que deverá redirecionar os investimentos do erário público para salvaguardar os interesses do capital e produzir o consenso de que ele se preocupa com uma aplicação mais racional e eficiente daquele erário. Uma vez inserida e subordinada ao modo de produção capitalista, a escola vive uma contradição: por um lado, reproduz a contradição fundamental do capitalismo – a divisão da sociedade em classes antagônicas – nos seus objetivos específicos de prover essa sociedade de um projeto educativo influenciado pelos interesses burgueses de formar os indivíduos com competências para disputar uma vaga no mercado de trabalho e se submeter à intensificação e à precarização do trabalho; por outro, pode proporcionar os elementos necessários à compreensão crítica dessa realidade e sua transformação (FILIPE; SILVA; COSTA, 2021, p. 783-784).

Desde os acordes de protesto do Pink Floyd até as análises perspicazes de pensadores como Paulo Freire, Michel Foucault e Byung-Chul Han, somos levados a uma profunda reflexão sobre os rumos da educação contemporânea. Fica evidente que a estrutura atual, muitas vezes comparada a uma linha de produção, requer uma reavaliação urgente. Pistas sugeridas por diversos pensadores abordados nesta pesquisa sugerem uma abordagem que vá além das métricas de desempenho e valorize a pluralidade de saberes e experiências. Talvez assim,

poderemos romper com os padrões que aprisionam o potencial dos estudantes e construir um sistema educacional verdadeiramente libertador.⁸

3.1.2 Cientistas, Meio Acadêmico e Produção Científica⁹

Há um interessante texto intitulado “O Retorno dos polímatas”, escrito pelo professor do instituto de Biociências da USP Marcos Buckeridge¹⁰, onde explica que o polímata é um personagem típico dos séculos 17 e 18 que pode ser definido como alguém que se interessa e aprende muitos assuntos. Polímatas existem desde antes desses séculos, como Pitágoras (570 a.C) e Da Vinci (1452), mas é durante a renascença que aumentaram muito em números e foram responsáveis por grandes avanços no conhecimento¹¹.

Os avanços tecnológicos que permitiram que a impressão de livros fosse feita sem mais a necessidade de um copista tornaram o conhecimento muito mais abundante, causando a primeira crise do conhecimento. Por haver tanto conhecimento nos livros, das mais diversas áreas do saber, os polímatas passaram a ser mal vistos como charlatães. As pessoas das comunidades passaram a pensar sobre os polímatas que: “se existe tanto conhecimento, quem poderia saber tudo?”.

É neste ponto, onde há tanto conhecimento disponível, que as ideias do economista escocês Adam Smith¹² sobre a divisão do trabalho poder aumentar a produção¹³, foram também usadas no domínio do conhecimento. O raciocínio aplicado ao conhecimento foi de que se

⁸ A análise crítica apresentada no texto destaca a necessidade premente de reavaliação do sistema educacional contemporâneo faz parte do campo reflexivo da Filosofia da Educação, de cunho questionador, que intenta pensar o campo da Educação a partir de suas questões/problema, fundamentada em reflexões de pensadores como Paulo Freire, Michel Foucault e Byung-Chul Han. Embora enfatize as limitações e desafios inerentes à estrutura educacional comparada a uma linha de produção é essencial reconhecer as conquistas sociais proporcionadas pela escola ao longo do tempo, sobretudo em nossa realidade brasileira, atravessada por desafios de várias ordens.

⁹ O subtópico 3.1.2 tem seu texto baseado no discurso do professor doutor Altay de Souza (<http://lattes.cnpq.br/8948217221748469>), no podcast Naruhodo, episódio 373.

¹⁰ O autor Marcos Buckeridge cita o recente livro de Peter Burke (*O Polímata*) faz uma análise dos polímatas utilizando 500 polímatas ocidentais. No livro, Burke classifica os polímatas em centrífugos e centrípetos: enquanto os primeiros acumulam conhecimentos sem se preocupar com as conexões, os polímatas centrípetos são naturalmente conectores de informações e com isso criam sínteses. Para Burke, os polímatas vivem numa “zona de tensão” entre o centrífugo e o centrípeto, o que é, por um lado, uma espécie de tortura intelectual e, por outro, um enorme prazer de poder visualizar o todo e suas partes em conexão.

¹¹ Polímata, “pessoa de vários aprendizados”, década de 1620, do grego *polymathēs* “tendo aprendido muito, sabendo muito”, de *polys* “muito” + raiz de *manthanein* “aprender”. Relacionado: Polimatia “familiaridade com muitos ramos de aprendizado” (década de 1640, do grego *polymatia* “muito aprendizado”). (HARPER, 2001)

¹² Hoje conhecido como o pai da economia moderna, entre outras obras autor de A Riqueza das Nações.

¹³ Para Smith, a divisão do trabalho era a chave para a produção em grande escala e eficiência econômica, pois permitia que os trabalhadores se especializassem em tarefas específicas, o que aumentava a produtividade e reduzia os custos de produção. Assim, a divisão do trabalho de Smith contribuiu significativamente (tornando-se a base) para o desenvolvimento do sistema fabril e da produção em massa na Revolução Industrial.

vários especialistas produzirem conhecimento separadamente e depois essas partes forem reunidas, se produz muito mais do que esperar os polímatas centrípetos acumularem todo o conhecimento e fazerem sínteses. O que mais tarde vem a culminar nas novas dinâmicas das universidades do século 20, que levaram à extinção dos catedráticos e a implementação da departamentalização que temos hoje em dia.

Não se pode negar que esse processo de segmentação do conhecimento tenha trazido diversos benefícios para o mundo. Toda essa especialização permitiu um avanço do conhecimento sem precedentes na história humana. Avanços tecnológicos em todas as áreas transformaram completamente a qualidade de vida do ser humano, proporcionando um entendimento mais aprofundado sobre si mesmo e o mundo ao seu redor. Contudo, não faltam autores que criticam essa concepção sobre a hiperespecialização e seus problemas, Edgar Morin, a exemplo, vai criticar trazendo a questão da hiperespecialização como a questão da incapacidade multidimensional.

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos. De modo que, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável (MORIN, 2003, p. 14-15).

Por fim, Marcos Buckeridge (2023) conclui trazendo uma interessante perspectiva observada em um trabalho publicado em janeiro 2023 na Revista Nature (A Ciência ‘Disruptiva’ diminuiu - e ninguém sabe o por quê/‘Disruptive’ science has declined - and no one knows why de Max Kozlov) (KOZLOV, 2023), que através de uma análise bibliométrica de 45 milhões de artigos e quatro milhões de patentes, o nível de disrupção¹⁴ vem diminuindo exponencialmente desde a década de 1940 no mundo. Há inúmeras consequências e discussões a partir destas análises, uma delas se relaciona à especialização, onde explica-se que as áreas de especialização se aprofundaram tanto que parecemos viver em uma “torre de babel”, onde especialistas falam apenas suas próprias línguas, citam apenas os trabalhos relacionados aos de suas áreas e fazem relativamente poucas conexões entre as diferentes “ilhas” de especialidade.

¹⁴ Artigos que causam mudanças drásticas no conhecimento humano.

Das mudanças de perspectivas da educação às influências das ideias de Adam Smith sobre desempenho no processo de ensino, no ritmo de trabalho dos docentes, na construção de conhecimento, às diversas conexões para tratar as complexidades referentes ao tema, nota-se uma necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Essa abordagem interdisciplinar é o começo de um processo centrípeto de interconexões das ilhas de especialidade e de sínteses que podem nos levar a novos patamares de conhecimento.

A definição de ciência como um sujeito relacionado ao método é algo que vem desde os gregos, porém não recebia o nome de ciência naquela época¹⁵. A carreira de cientista, está, desde a antiguidade, vinculada a uma instituição (podendo ou não estar ligada ao Estado), sejam com os gregos e suas academias, aos tempos modernos onde normalmente são as universidades. O trabalho do cientista¹⁶ costuma ser resultado das atividades que exerce dentro da instituição ao qual se vinculou. A instituição acadêmica, chamada universidade, é muito anterior à noção de Estado ou ao capitalismo¹⁷, como o conhecemos, ainda que Santos (2003) compreenda que a Universidade seja o aparato institucional do Colonialismo. Na contemporaneidade a universidade torna-se profundamente atrelada aos conceitos de produtividades da cultura vigente.

Dos antigos polímatas aos cientistas especialistas atuais, existem desafios em seguir a carreira acadêmica e a ideia de fazer ciência (ajudar a construir conhecimento/saberes) com base no pensamento científico, é um percurso muito complicado e que está muito ligado ao que discutimos neste trabalho.

As ideias de Adam Smith sobre a divisão do trabalho para aumentar a produção afetaram os campos das ciências, com resultados positivos ao longo do tempo, contudo, demonstra alcançar uma nova preocupação, no artigo publicado na *Nature* (PARK; LEAHEY; FUK, 2023) chamado “*Papers and patents are becoming less disruptive over time*” (Artigos e Patentes estão se tornando menos disruptivos ao longo do tempo). Embora o século passado tenha testemunhado uma expansão sem precedentes do conhecimento científico e tecnológico, há

¹⁵ A relação estética que um cientista precisa passar, de contato continuado com o método científico o altera preparando-o, a ciência não é apenas o método, a ciência é também o processo de interação entre o agente e o método científico, o efeito do método no agente e o contato continuado com o método.

¹⁶ Cientista foi um termo cunhado por um polímata chamado William Whewell em 1933. O autor buscava descrever de forma genérica aquele que faz ciência. Observando que fazer ciência tratava-se muitas vezes de uma artesanaria, de arte, de ciência daquele que constrói conhecimento, inspirou-se no sufixo *ist* que é visto na terminologia de muitas atividades, principalmente *artist*. Se artista é aquele que faz arte, cientista é aquele que constrói conhecimento. Desta forma o nome genérico cientista não define uma formação, mas sim uma atividade. Ao escolher o termo cientista para descrever esses especialistas, evitam-se confusões que a palavra acadêmico poderia causar quando se pensa a atuação profissional destes agentes também fora da academia.

¹⁷ A universidade mais antiga da Europa é a universidade de Bolonha e foi fundada em 1088. Muito antes tem-se registro de universidades no reino islâmico nos anos 700, isso sem evidenciar o modelo grego.

preocupações de que a atividade inovativa esteja desacelerando. São inúmeras as possíveis razões para a desaceleração de descobertas inovadoras apontadas pelo estudo, que sugere a possibilidade de uma das causas tratar-se da hiperespecialização, que obrigaria os cientistas a terem cada vez mais treinamento para alcançar as fronteiras de seus campos, deixando menos tempo para avançar nessas fronteiras.

A dificuldade em conseguir alcançar/descobrir/desenvolver novas tecnologias e/ou conhecimentos disruptivos parece estar na contramão da quantidade cada vez maior de artigos e publicações científicas que temos. Um estudo publicado em 2011 “*Brazilian scientific production, financial support, established investigators and doctoral graduates*” (Produção científica brasileira, financiamentos, pesquisadores consagrados e doutores graduandos) (HELENE; RIBEIRO, 2011) já diagnosticava e denunciava números interessantes sobre a produção científica no Brasil. Eles observaram que no período de 30 anos até a data da publicação do artigo, a produção científica no país teve um aumento de quase 18 vezes.

Diante desta constatação, os pesquisadores começaram a investigação para tentar entender a razão desse aumento. Em sua primeira hipótese, observaram se havia aumentado a quantidade de investimentos e o número de pesquisadores nas universidades, o que constataram foi que o crescimento do número de artigos ocorreu independentemente dos investimentos e do número de pesquisadores estabelecidos. Sugerindo um aumento da eficiência da produção científica brasileira. Então, continuaram a pesquisa tentando encontrar outras evidências que pudessem apoiar esse aumento da quantidade de publicações no país.

Notaram então que havia um aumento do número de alunos de doutorado por ano. Estava ali a relação de aumento de produção científica, relacionando à produtividade gerada pelas relações acadêmicas formadas pela mão de obra dos cientistas em formação¹⁸. Não houveram alterações significativas do número de cientistas, ou de investimento na área, proporcionalmente o único aumento foi do número de alunos. Assim, é possível observar a construção de um modelo de fábrica de artigos científicos, onde em vez de aumentar o valor de investimento e/ou de pesquisadores, aumenta-se a quantidade de mão de obra utilizando o mesmo valor de investimento, utilizando-se dos princípios de produção.

Assim, para exemplificar de forma ilustrativa, a título de exemplo, ao invés de abrir 2 vagas para docente¹⁹, oferece-se apenas uma vaga para docente e disponibiliza-se cerca de 8 vagas para discentes (pelo valor que contrataria apenas um pesquisador). Portanto, se cada

¹⁸ Alunos de Pós-Graduação.

¹⁹ Pesquisadores com a capacitação e formação completa.

docente supervisionar 8 discentes, esses 8 vão sendo trocados, constrói-se uma divisão do trabalho e consegue-se uma fábrica de artigos sem que seja necessário o aumento do valor investido ou do número de especialistas, notando-se uma lógica de desempenho e produção.

3.1.2.1 Precarização do Trabalho Acadêmico

Todos os anos observamos os chamados “*lay-offs*” em sites de notícias, termo popularizado que designa as demissões em massa geradas por grandes empresas, geralmente tornam-se notícia principalmente os “*lay-offs*” das empresas de tecnologia. “*Lay-offs*” que acontecem todos os anos na carreira acadêmica, mas que não percebemos por já serem naturalizados.

No meio acadêmico temos todos os anos, temos um número muito maior de doutores e mestres sendo formados, cortados de suas bolsas, sem posições para serem ocupadas já que o número de vagas e investimento disponível não acompanha a quantidade de formandos por ano. Esses são os “*lay-offs*” do meio acadêmico.

Um bolsista recebe uma bolsa de estudos por 4 anos, que exige dedicação exclusiva, ou seja, são proibidos de trabalhar em outras atividades, para fazer um trabalho super especializado, difícil, insalubre, exclusivo, sob supervisão de um orientador que tem geralmente um conflito de interesse em relação à sua posição (já que após formado esse orientando poderá disputar as vagas com o primeiro) e que depois de 4 anos, simplesmente, encerra-se o vínculo.

Para ilustrar essa relação é possível fazer uma analogia a uma passagem do mítico herói grego Ulisses e o canto das sereias. Ulisses, é o herói grego da Odisséia de Homero, nele Ulisses e os argonautas, viajavam em argos, o navio de Ulisses. Argos é uma nau que é composta tanto de velas quanto por remadores. Remadores estes que remavam ao som do ritmo de tambores.

Ulisses em determinado momento fica sabendo que passaria por uma área povoada de sereias, e que seu canto hipnótico levava os marinheiros a se jogarem ao mar. Então o herói colocou em prática um plano: ele contou uma história aos marinheiros de que foi enfeitiçado e de que ao passar pela área ele sentiria uma forte vontade de se jogar ao mar. Então, pede que o amarrem ao mastro e que não importasse o quanto implorasse, que não o desamarrem do mastro, assim ele consegue passar pelo desafio das sereias.

Na história de Ulisses, ele precisa sair de um lugar para chegar no outro, o Ulisses pode ser comparado ao docente. Os remadores (alunos/discentes) não ouviam os cantos das sereias por causa do som do tambor (tamborileiro é o aluno de pós doc geralmente), por causa do ritmo

que deveriam manter, então, quem estava na parte de baixo do barco, que era o que fazia o barco se movimentar, foram salvos de ouvir o canto das sereias porque estavam surdos pelo som dos tambores, já que deveriam manter o ritmo sempre. Os que estavam em cima no convés, os marinheiros de maior formação (que seriam os alunos prestes a se formar ou formados sem uma vaga para ocupar), foram sacrificados.

A ciência no Brasil é produzida, majoritariamente, por profissionais em formação, a maioria dos artigos é construída por alunos em formação com bolsas precarizadas. A relação de trabalho entre docente e aluno de doutorado é uma relação uberizada²⁰. Contudo, um uber trabalha por produtividade, o acadêmico trabalha com salário fixo. É um ambiente extremamente perverso, entre outras questões essa exclusividade é um sequestro da sua autonomia e do seu tempo.

O artigo *‘Trends in college students’ mental health diagnoses and utilization of services’* (Tendências entre utilização de serviços de saúde mental e diagnósticos entre estudantes universitários) (OSWALT, 2018) demonstra que a preocupação com saúde mental se tornou cada vez mais proeminente nos campus universitários. Juntamente com o aumento nos diagnósticos e tratamentos de saúde mental, houve um aumento significativo na utilização dos serviços de serviços de apoio à saúde mental pelos alunos em suas instituições e uma disposição de buscar apoio destes serviços no futuro. Essas descobertas são consistentes com outras pesquisas; embora seja observado no mesmo que muitos estudantes não são

²⁰ Uberização é um neologismo que descreve a mercantilização total de uma atividade econômica baseada em serviços. O desenvolvimento de forças produtivas para proceder a valorização do valor dá origem a fenômenos de proporções globais como a relativamente recente “uberização” do trabalho, termo de referência ao pioneirismo da empresa Uber em relação ao seu particular modelo de organização do trabalho. A Uber desenvolveu uma plataforma digital disponível para smartphones que conecta os clientes aos prestadores de serviços. A empresa atua na promoção de atividades de transporte urbano e difere dos demais concorrentes do segmento por meio de elementos como: preço mais acessível em relação aos táxis convencionais; vinculação do percurso ao trajeto indicado no GPS da telefonia móvel; maior capacidade de controle sobre o prestador de serviço; e pagamento do serviço de transporte diretamente lançado no cartão de crédito do passageiro. Sem qualquer vínculo empregatício, os motoristas da Uber trabalham como profissionais autônomos e assumem diversos riscos para oferecer o serviço, detendo quase a totalidade dos meios de produção necessários à execução da atividade e por eles integralmente se responsabilizando. Levando em conta que o Direito do Trabalho brasileiro recalitra em classificar o motorista como empregado – esse trabalhador está, além de impelido a investir nos instrumentos de trabalho, desprotegido nessa relação de trabalho.

A uberização do trabalho representa um modo particular de acumulação capitalista, ao produzir uma nova forma de mediação da subsunção do trabalhador, o qual assume a responsabilidade pelos principais meios de produção da atividade produtiva. A subsunção virtual do trabalho ao capital indica que o trabalhador está subordinado na relação de trabalho sob os moldes da uberização, ainda que a aparência imediata seja de autonomia e liberdade sobre a forma produtiva. A determinação sobre como executar o trabalho, sobre os padrões e as metas produtivas se centra na empresa detentora da plataforma de intermediação, enquanto o trabalhador, em vez de submetido diretamente a um contrato de trabalho formal, submete-se às imposições estabelecidas sob o risco de desligamento da ocupação. O cenário de subordinação estrutural reforça sua necessidade de venda da força de trabalho para a autossubsistência (FRANCO; FERRAZ, 2019).

diagnosticados ou não procuram tratamento, uma das barreiras mais relatadas baseou-se na crença do aluno de que o estresse é normal na faculdade. Em conclusão, o estudo diz que:

Em conclusão, este estudo indica um aumento nas taxas relatadas de diagnóstico e tratamento da maioria das condições de saúde psíquica e comportamento de busca de ajuda entre uma amostra nacional de estudantes universitários durante um período de 6 anos. Essas tendências fornecem evidências adicionais do potencial aumento da carga dos problemas de saúde psíquica entre os estudantes universitários e da necessidade de as faculdades abordarem o problema. Dado o aumento relatado de diagnósticos e tratamento de condições de saúde psíquica, são necessários mais recursos para apoiar a demanda por serviços universitários de saúde psíquica. Ao mesmo tempo, a ênfase não deve ser colocada apenas no tratamento, mas também na prevenção e na promoção de saúde mental positiva. Ao abordar as atitudes em relação à saúde psíquica e, ao mesmo tempo, melhorar os esforços de prevenção primária, as instituições de ensino superior poderão melhorar a qualidade de vida geral dos estudantes universitários. (OSWALT, 2018, p. 8).

Para corroborar com o que foi dito até então o artigo *“PHD poll reveals fear and joy, contentment and anguish, Graduate students mostly love what they do but workload pressures continue to take their toll, finds Nature’s 2019 PhD survey”*(Pesquisa entre estudantes de doutorado medo e alegria, contentação e angústia, a maioria dos estudantes de pós graduação amam o que fazem, mas as pressões da carga de trabalho continuam cobrando seu preço, revela a pesquisa de doutorado da Nature em 2019)(WOOLSTON, 2019) demonstra a maioria dos estudantes de pós-graduação ama o que fazem, mas as pressões da carga de trabalho continuam cobrando seu preço. *“We don’t want to just look at graduation rates. That’s great, but what did it take to get there?”* (Não queremos olhar apenas para as taxas de graduação. Isso é ótimo, mas o quê foi preciso para chegar lá?) Foram entrevistados mais de 6300 pesquisadores que confirmaram repetição da história de recompensa pessoal e resiliência em um cenário de estresse, incerteza e luta contra a depressão e a ansiedade, para seguir o curso de pós-graduação.

3.1.2.2 Saúde Mental no Meio Acadêmico

O ambiente acadêmico, notadamente no âmbito da pós-graduação e, em especial, nos programas de doutorado, enfrenta uma preocupante prevalência de depressão, ansiedade e até mesmo ideação suicida, como aponta uma pesquisa de meta-análise realizada em 2021 (Revisão sistemática e meta-análise da depressão, ansiedade e ideação suicida entre os estudantes de PH.D./ *“Systematic review and meta-analysis of depression, anxiety, and suicidal ideation among Ph.D. students”*) (SATINSKY, 2021). Este cenário tem suscitado crescente atenção por parte de administradores de universidades e profissionais de saúde mental.

O estudo também revela que estes estudantes enfrentam períodos de treinamento de duração imprevisível, insegurança financeira e insegurança alimentar, mercados competitivos para cargos efetivos e modelos implacáveis de publicação e financiamento, todos os quais podem ter impactos adversos, que serão ainda maiores sobre alunos de populações marginalizadas e sub-representadas. Tais problemas de saúde neuronal decorrentes dos programas de pós-graduação nos moldes atuais podem afetar negativamente a saúde física, relacionamentos interpessoais, produção acadêmica e desempenho no trabalho. Portanto, urge a necessidade de uma abordagem mais holística e cuidadosa com a saúde psíquica desses alunos.

Para enfrentar esses desafios de modo mais eficaz a pesquisa *“Training the Next Generation of Clinical Psychological Scientists: A Data-Driven Call to Action”* (Treinamento a próxima geração de psicólogos clínicos: um apelo à ação baseado em dados) (GEE *et al.*, 2022) sugere o desenvolvimento e a disseminação de estratégias de intervenção mais eficazes, sustentáveis e equitativas. Enfrentar esse desafio requer um reconhecimento honesto dos pontos fortes e fracos das práticas de treinamento atuais. É curioso pensar que os meios acadêmicos, centros de estudos, pesquisa e ciência, se baseiam em modelos produtivistas para ditar ritmos de trabalho e exploração, como já abordados anteriormente, contudo, desconsideram práticas já estabelecidas (nas grandes corporações) para aprimorar suas dinâmicas sociais e de trabalho. Como veremos a seguir.

Tornar-se um acadêmico de sucesso e garantir uma posição de investigador principal em uma universidade de pesquisa intensiva requer muitas habilidades distintas. Além de alguma forma de habilidades técnicas e conhecimento específico do domínio, algumas dessas habilidades incluem gerenciamento de tempo, redação científica, oratória e gerenciamento de projetos, gerenciamento de pessoas. Contudo o que foi observado é que quando o pesquisador se forma e passa a orientar outros futuros pesquisadores estes não estão preparados com o treinamento para as atividades que desenvolvem em sua orientação, sem que estejam de fato aptos ao processo, muitas competências acadêmicas são aprendidas “no trabalho”, situação essa de despreparo dos pesquisadores para desempenhar seu papel de supervisão/orientação, que agrava o quadro de adoecimento/desgastes entre os alunos de pós-graduação. É o que demonstra a pesquisa *“A brief primer on the PhD supervision relationship”* (Uma breve cartilha sobre a relação de supervisão de doutorado) (MANDAN, 2021).

A pesquisa também demonstra que práticas utilizadas em outras corporações, como métodos de avaliação de desempenho utilizadas por equipes para gerenciamento de recursos humanos para identificar pontos fortes e pontos fracos para desempenhar uma tarefa de forma

a reduzir o desgaste do liderado e aumentar seus níveis de satisfação e bem-estar; gerenciamento de projetos para gerir e administrar de forma eficiente as pesquisas que acompanhar, assim como gerenciamento de tempo; entre outras características. O que demonstra que mesmo dentro dos perfis produtivistas atuais, não se desenvolve no meio acadêmico as técnicas, tecnologias e conhecimentos avançados utilizados em meios corporativos, que são baseados em outras pesquisas e métodos que poderiam ajudar.

Os estilos de supervisão são os principais preditores do desempenho inovador dos alunos de pós-graduação (GSIP), mas os mecanismos de mediação e moderação subjacentes a esse relacionamento requerem uma exploração mais aprofundada, como demonstra a pesquisa *“Supervisory styles and graduate student innovation performance: The mediating role of psychological capital and the moderating role of harmonious academic passion”* (Estilos de supervisão e desempenho inovador de estudantes de pós-graduação: o papel do mediador do capital psicológico e o papel de moderar harmonicamente a paixão acadêmica) (YANG; BAO; XU, 2022).

Contudo, mesmo que esses métodos mais eficientes fossem aplicados com qualidade, o que não costuma ser, ainda há a problemática levantada por Mello (2018) que denuncia a que talvez não seja a melhor solução incorporar/reforçar ainda mais as lógicas que criaram os problemas que nos tirará deste cenário,

[...] o inimigo não está só nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação dos modelos dominantes, que encontramos não só nos partidos mais queridos ou nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes, nas mais diversas ocasiões (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 48 *apud* MELLO, 2018, p. 447).

É imperativo que se repense a lógica e o suporte oferecidos aos estudantes de pós-graduação, considerando não apenas as habilidades técnicas, mas também as habilidades socioemocionais. A supervisão de doutorado, por exemplo, emerge como um ponto crítico que demanda maior atenção e aprimoramento. Além disso, é crucial que se promova um ambiente acadêmico mais saudável e acolhedor, onde o bem-estar dos pesquisadores de pós-graduação seja uma prioridade.

Cada vez mais estudos – como *“Student, academic and professional services staff perspectives of postgraduate researcher well-being and help-seeking: a mixed-methods co-designed investigation”* (Estudantes, acadêmicos e serviços profissionais de apoio de bem-estar e a busca de ajuda por pesquisadores de pós-graduação: uma investigação co-projetada com

métodos mistos.) (CROOK *et al.*, 2021) e “*Navigating mental health challenges in graduate school*” (BURTON; CAO, 2022) – observam que muitos estudantes de pós-graduação vivenciam problemas de saúde mental (depressão, ansiedade, entre outros), que os levam a questionar seu lugar na academia.

A promoção da saúde psíquica no ambiente acadêmico não é apenas uma questão de humanidade, mas também uma necessidade imperiosa para a formação de profissionais mais capacitados e equilibrados. Somente por meio de um olhar atento e de medidas efetivas de suporte é que poderemos assegurar um futuro acadêmico mais saudável e sustentável.²¹

3.2 EDUCAÇÃO E MODOS DE SINGULARIZAÇÃO

A compreensão da relação entre a educação e os modos de singularização no contexto dos processos de subjetivação, esses dois elementos, é de suma importância para uma análise mais aprofundada sobre como a educação pode contribuir para a formação de identidades autênticas e a desconstrução de modos de subjetivação dominantes que podem ser restritivos e prejudiciais, sobretudo para a remoção de nossos “antolhos”.

(...) A proposta não é eliminar as árvores. Mas perceber que a mesma terra - que abriga a raiz que desponta, visível, na verticalidade de uma árvore - também abriga o *rizoma*, tubérculo radiforme, que se conecta com a diversidade que o cerca, na horizontalidade subterrânea, que não se vê. Precisamos deixar de enxergar a vida a partir da árvore. É preciso devir terra! (MELLO, 2005 *apud* MELLO, 2011, p. 26).

Os modos de subjetivação, como padrões culturais, normas e valores predominantes em uma sociedade, desempenham um papel central na construção da identidade de cada indivíduo. A educação, por sua vez, é um pilar fundamental no processo de formação dos sujeitos, proporcionando a transmissão de conhecimentos, valores e habilidades que moldam suas perspectivas e relações com o mundo.

A capacidade da educação em estimular a reflexão crítica sobre os modos de subjetivação dominantes, ao fornecer um ambiente propício para a discussão e análise de normas impostas, pode permitir que os alunos questionem e compreendam a origem desses padrões, suas implicações e como influenciam suas próprias identidades.

²¹ Apesar de esse subtópico 3.1.2 ter alicerçado-se em meta-análises de pesquisas hegemônicas de uma conceituada pesquisa científica, já que este se tratava do material disponível que versava sobre o tema no momento da pesquisa, é importante salientar que não se tem como objetivo aqui estabelecer métodos para quantificar análises de transtornos psíquicos, que a proposta da dissertação não se coaduna com uma perspectiva neopositivista, nem behaviorista. Nossa concepção de estudos se ancora em ciência humana, subjetiva, qualitativa, sócio-histórica.

Para Viveiros de Castro (2002, p. 358-360), na modernidade ocidental, “conhecer é objetivar” e poder discernir, no *objeto*, o que lhe é intrínseco, do que que foi indevidamente projetado que diz respeito ao *sujeito*. Ele entende que conhecer, desta forma é “desobjetivar”, já que a finalidade é reduzir o mínimo o sujeito no objeto. E que tanto objeto quanto o sujeito só podem ser conhecidos através de processos de objetivação, fazendo com que o outro seja sempre a coisa. Para o xamanismo, entretanto, “conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido”, seja algo ou alguém, possibilitando a revelação de um máximo de intencionalidade, possibilitando que o “Outro seja sempre a pessoa”. Para a epistemologia xamânica, um “objeto é um sujeito incompletamente interpretado. Tomar o ponto de vista daquilo que quer ser conhecido”, significa conferir-lhe legitimidade, intencionalidade, subjetividade, presença. Nesta perspectiva, há a possibilidade de se estabelecer relações de fato (MELLO, 2011, p. 95).

Portanto, a promoção de uma educação inclusiva e diversificada, que valorize a singularidade de cada indivíduo, ao reconhecer e respeitar as diferentes formas de ser e viver, pode se tornar um espaço seguro para que os alunos expressem suas identidades de maneira autêntica, sem medo de julgamentos ou exclusão social. Desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia e respeito, que são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e compassivos.

As práticas pedagógicas inovadoras que buscam incentivar a singularização dos indivíduos, através de abordagens educacionais que valorizem os talentos, interesses e experiências únicas de cada aluno, para empoderá-los a desenvolver identidades autônomas e autênticas, alinhadas com suas próprias aspirações e valores. Essas práticas ajudam na promoção da singularização dos sujeitos, destacando como isso pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, através de uma abordagem interdisciplinar, serão discutidos conceitos teóricos, práticas educacionais e estudos de caso que ilustram o potencial transformador da educação diante dos modos de subjetivação dominantes.

No artigo “Educação, Currículo e Meio ambiente: Fábrica ou ateliê de subjetividades?”, Mello (2018), compartilha reflexões sobre as questões do que significa pensar uma educação ambiental comprometida com modos de singularização e com uma formação voltada ao ateliê.

Contextualizando o projeto a partir do qual trataremos um fragmento, ele se chama Filhos da Terra, e não se encontra ativo coletivamente, mas trouxe como contribuição a formação de jovens artistas, moradores em comunidades de Petrópolis, que hoje são psicólogos, bailarinos, artistas circenses e de teatro, escultores e pintores. O projeto consistia na confecção e criação de cartões ecoartesanais, elaborados apenas com elementos encontrados na natureza. Idealizado pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis, onde a autora era coordenadora pedagógica, o grupo tornou-se ponto de cultura do Ministério da Cultura, fez exposições renomadas, ministrou oficinas ecoartesanais pelo Brasil e transformou arte e reflexão em inclusão e subsistência. Sua descrição e metodologia encontram-se sistematizadas e publicadas. A iniciativa piloto aconteceu durante aproximadamente quinze anos, a partir do ano

2000, e tinha um diferencial em relação aos projetos sociais que trabalhavam com adolescência e juventude. A saber: não se constituir um projeto de profissionalização voltado para o mercado de trabalho, mas sensibilizar os jovens para buscarem outras visões de mundo e formas de se relacionar com todas as dimensões da vida, de maneira sistêmica, incluyente, solidária, ecológica e cooperativa, acreditando na possibilidade de transformação do mundo; desenvolver-se através oficinas - alinhadas em sua forma, linguagem e conteúdos -, como espaços privilegiados de uma construção coletiva do saber, onde jovens eram sujeitos do conhecimento; apostar nos processos artísticos como aqueles que sensibilizam os jovens a se (re)inventarem a si mesmos e ao mundo; prezar por uma metodologia participativa e reflexiva, levando-se sempre em conta o lúdico e o artístico; comprometimento com uma arte inspirada nas narrativas histórico-culturais de versão popular, dos excluídos e dos que tiveram suas epistemes produzidas como ausências (MELLO, 2018, p. 445-446).

Neste projeto, Mello (2018) escreve brilhantemente sobre um exemplo da condução de uma práxis sobre a subjetividade, como matéria-prima da produção de sujeitos e micropolítica, perpassando um percurso em três estações: a subjetividade como fábrica em seus processos de subjetivação; a subjetividade como ateliê em seus processos de singularização, a experiência concreta de um projeto social capaz de articular educação ambiental, currículo e modos de singularização.

Mello (2018) também vai dizer que encontra inspiração nas percepções dos autores Guattari e Rolnik em suas propostas de contrapor a máquina capitalística, que seria a expressão de um protesto do inconsciente, na forma de uma recusa, que são os modos de singularização.

[...] uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 17 *apud* MELLO, 2018, p. 449).

Um exercício permanente e cotidiano de criação de modos próprios e novos de produção de sentido, referências em um nível micropolítico é o que defende Guattari e Rolnik (1986, p. 53) contra o sistema capitalístico dominante que sabe criar sistemas de referência dominante na forma afetiva, teórica, segregadoras, produtivas, entre outros. Daí a singularização seria um modo de ruptura.

Eles, Guattari e Rolnik (1986), acreditam que a criação não acontecerá na polarização entre formas de denúncia e/ou resistência, mas investindo em ser “próprio coração”. E propõem que isso seja feito de forma singular, individual, abraçando as facetas da singularidade da experiência individual, que vai esclarecer como promovendo um jogo “que a revela e a faz desmoronar”. Através da produção e da invenção de “subjetividades delirantes”; da “frustração

dos processos maquímicos”; da “afirmação dos valores numa esfera particular”; na “multiplicidade de processos de semiotização”; na “reapropriação de dimensões essenciais da existência, como desejo, a angústia, a morte, a dor, a solidão, o silêncio, a relação com o cosmos, com o tempo”, processos invisibilizados, porque promovem uma verticalidade na singularidade; na reinvenção dos modos de trabalho e produção, de ensino e aprendizagem, em formas de produção de sentido e de *práxis*. Tal projeto, muito mais ousado que uma mera resistência, caracteriza-se por uma produção, nos moldes das pulsões do inconsciente, de “máquinas de guerra”, capazes de promover “revoluções moleculares, como observado por Mello (2011).

Ter sempre em mente, em nossos processos analíticos, quais são as formas de modelização e processos de subjetivação hegemônica que resistem e nos capturam, assim como vasculhar cuidadosamente os nossos discursos para perceber se e onde guardam resquícios das instâncias de culpabilização, segregação e infantilização. Mello (2011) também vai dizer que precisamos abrir espaço e tempo para a invenção e a criação de novas formas de nos relacionar, de pensar, de falar, de escrever, de produzir saberes e práticas inusitadas, de sentir e de produzir sentido – que escapem aos modelos aprendidos e validados numa experiência que se pauta no passado e na histórica, como critérios de legitimidade. E aí a pergunta que precisa ser feita é: que espaço-tempo têm sido dados para se repensar os processos, entendidos quase como dados e não construtos, que clamam por novas configurações, como os processos políticos, os processos relacionais, os processos éticos, os processos humanos e outros processos como os ecológicos, mas que continuam a ser referidos como ideais? Outra forma potente de lidar com ela é afirmarmos que não sabemos. O “não saber” é mais potente que o pseudo saber. Entre o não saber e a busca por um outro saber, encontramos as experiências da vida, no meio, como possibilidades. “Outro ponto importante a destacar é que a singularidade se expressa através da pluralidade de modos, exatamente o que a distingue dos processos de produção de subjetividade, que subtraem a realidade em sua multiplicidade, reduzindo a vida a um modelo.” (MELLO, 2011, p. 170)

[...] para demonstrar que as duas forças predominantes na educação na modernidade foram a massificação e universalização, Silvio Gallo (2005) diz: “A educação na modernidade foi construída sob o signo da massificação. A Reforma Protestante investiu a criação das “escolas dominicais” como instrumento de alfabetização do povo, possibilitando que todos pudessem ler as escrituras sagradas em sua própria língua; a Companhia de Jesus foi uma das principais ordens religiosas na estratégia da Contra-Reforma católica, sendo a educação um de seus investimentos básicos, como podemos perceber com um simples olhar sobre a história do Brasil. Com a criação do *ratio studiorum*, os jesuítas foram certamente um dos elementos centrais na construção de uma “pedagogia moderna”(GALLO, 2005, p. 289).

Mariano Narodowski (2001, p. 25) descreve a pedagogia moderna como sendo orientada por certos pontos de chegada ou metas desejadas, que são previamente estabelecidas. Esses ideais funcionam como utopias, ou seja, são construções de pensamentos que têm o potencial de se tornarem realidade para a pedagogia moderna. Nesse contexto, é o recurso utilizado pela pedagogia moderna para se guiar a si mesma, fornecendo os meios pelos quais todas as outras estratégias e ações são orientadas. Ela é a capacidade estruturante que o pensamento pedagógico possui para moldar seus próprios sujeitos. Dessa forma, as utopias permitem fazer julgamentos sobre os fenômenos que se aproximam ou se afastam dos objetivos desejados na educação moderna. Em resumo, a pedagogia moderna é construída em torno de metas previamente estabelecidas, que funcionam como utopias orientadoras das práticas educacionais.

Nas palavras de Silvio Gallo (2000) a pedagogia propõe a *universalização* do ensino, na medida em que almeja atingir a todos, e uma *massificação* do ensino, visto que deseja que todos aprendam tudo; por outro lado, que todos aprendam da mesma maneira. O professor é o “elemento neutro”, aquele que transmite, de forma que todos possam absorver e assimilar aquilo que é transmitido.

Poderosa máquina de subjetivação e de massificação essa que se constrói na modernidade. E poderosa máquina que foi capturada pelo Estado. E poderosa máquina que foi capturada pelo Estado. Se nos inícios dos tempos modernos as iniciativas de universalização da educação partem de religiosos como Lutero e Comenius, se são adotadas por ordens religiosas como a Companhia de Jesus e outras, com as revoluções burguesas o Estado toma para si esse projeto de universalização e massificação do ensino e das escolas. O Estado moderno transforma a escola em máquina de Estado (GALLO, 2005, p. 291-292).

O caminho, portanto, para Silvio Gallo (2005) seria um processo de educação de si mesmo, um processo de “tornar-se o que se é” (como nas palavras de Nietzsche em Assim Falou Zaratustra), mediado pelo modelo de um filósofo educador inspirado nos modelos gregos. Subvertendo a noção de modelo corrente na pedagogia, em que se entende o modelo como algo a ser copiado. O modelo é, ao contrário, algo a ser superado.

A perspectiva de singularização do processo educativo, para o autor (GALLO, 2005) é que cada um deve construir seu próprio processo, escolhendo seus mestres e seus modelos, tornando-se fortes na relação com eles e superando-os, criando-se a si mesmo como único, como singularidade. Nada mais antimoderno quando confrontamos tais ideias com a escola tornada máquina de Estado.

Eis o que se nos apresenta como conceito de educação a partir dessas instigações de Deleuze: um processo de constituição que não passa pela construção de um “sujeito”, de uma personalidade, pela transmissão programada e bem organizada de saberes e técnicas, através de uma metodologia controlada e perfeitamente dosada, mas uma abertura, um jogo de afetos que, por conectividades múltiplas, produz uma sensibilidade, uma memória e um pensamento. Um jogo de afetos, mais do que um método, que se abre para a emergência de singularidades, mais do que se dispõe a criar subjetividades (GALLO, 2005, p. 297).

A escola-máquina-de-Estado (GALLO, 2005), está sempre preocupada com o ponto de chegada, sua função é produzir identidades, subjetividades que sejam reconhecidas como idênticas e, portanto, fechadas. É nisso que investe suas relações de poder. Captura, dos fluxos desejantes, para conformá-los numa identidade restrita. Captura das subjetividades, para transformá-los em conhecimentos. Conformação. Identificação. Formatação. Estriamento. Uma forma de combater como máquina-de-guerra poderia ser um movimento artístico, científico, ‘ideológico’ precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em relação com um *phylum*.

Vivemos hoje, nós que nos dedicamos à educação, qual Édipos diante da Esfinge. Ou deciframos o enigma que o monstro nos coloca ou somos devorados por ele. No processo educativo, ser devorado pela Esfinge é passar a fazer parte do sistema educacional vigente, tornar-se mais uma engrenagem dessa máquina social, reproduzindo-a a todo instante em nossos fazeres cotidianos. A condição de não ser mais uma engrenagem é sermos capazes de decifrar os enigmas que a crise na educação nos apresenta, conseguindo superar esse momento de rupturas (GALLO, 2000, p. 17).

Para Gallo (2005), a formação do aluno jamais acontecerá pela assimilação de discursos, mas sim por um processo microssocial em que ele é levado a assumir posturas de liberdade, respeito, responsabilidade, ao mesmo tempo em que percebe essas mesmas práticas nos demais membros que participam deste microcosmo com que se relaciona no cotidiano.

Portanto, torna-se evidente que a educação desempenha um papel fundamental na formação de identidades autênticas e na desconstrução de modos de subjetivação predominantes. A necessidade de questionar conceitos pré-estabelecidos e promover a reflexão crítica é crucial para evitar a aceitação acrítica de ideias, principalmente as construídas e induzidas pelos status quo dominante. A valorização da singularidade de cada indivíduo, aliada a práticas pedagógicas inovadoras, proporciona um ambiente propício para o florescimento de identidades autônomas e genuínas. Neste contexto, a educação se revela não apenas como um meio de transmissão de conhecimentos, mas como um processo contínuo de construção de subjetividades conscientes e capazes de contribuir para uma sociedade mais inclusiva e

compassiva. Afinal, é na singularização dos sujeitos que reside o potencial transformador da educação, capaz de moldar um futuro mais justo e equitativo para todos.

3.3 A PEDAGOGIA DO VER

Mello (2020), no segundo episódio de seu podcast²² Mil-em-Rama, traz o conto “A Fuga da Sombra” e nele ela traz reflexões sobre um modo de viver bem característico de nossa modernidade, em que vivemos em uma espécie de exílio de nós mesmos. Buscamos nos livrar de tudo o que nos incomoda. Fugimos de nossas sombras, ao negá-las ou evitá-las. Corremos para estar em outro lugar, para nos recusar a olharmos para dentro de nós. Fala sobre a dificuldade que temos de parar, de interromper um percurso que não vai bem, de ver e enxergar o que precisamos, de aceitar e mesmo de compreendermos o que estamos passando. De silenciar. As formas de fugir de suas sombras, são as mais variadas. Algumas pessoas dizem que não ficam no escuro. Outras, que jamais ficam em casa, sem o rádio ou a TV estarem ligados. Outros ainda dizem que passam horas assistindo séries, para escapar ao pensamento. Enquanto outras recorrem a vícios e drogas (incluindo medicamentos) numa tentativa de anestesiarem-se do mundo.

Havia um homem que ficava tão perturbado ao contemplar sua sombra e tão mal-humorado com as suas próprias pegadas que achou melhor livrar-se de ambas. O método encontrado por ele foi o da fuga, tanto de uma, quanto de outra. Levantou e pôs-se a correr. Mas, sempre que colocava o pé no chão, aparecia outro pé, enquanto a sua sombra o acompanhava, sem a menor dificuldade. Atribuiu o seu erro ao fato de que não estava correndo como devia. Então, pôs-se a correr, cada vez mais, sem parar, até que caiu morto por terra. O erro dele foi o de não ter percebido que, se apenas pisasse num lugar sombrio, a sua sombra desapareceria e, se se sentasse ficando imóvel, não apareceriam mais as suas pegadas (MERTON, 1989, p. 197-198).

No capítulo 5, intitulado “Pedagogia do Ver”, do livro “Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han (2015), discute-se a importância de uma pedagogia específica (do ver) para alcançar uma *vita contemplativa*. O capítulo começa fazendo referência às três tarefas propostas por Nietzsche, que são: aprender a ler, aprender a pensar e aprender a falar e escrever. Essas tarefas têm como objetivo alcançar uma “cultura distinta” através do aprendizado.

²² Os podcasts do canal Mil-em-Rama, de autoria de Maristela Barenco Corrêa de Mello, constituem a produção de seu estágio de pós-doutoramento, no Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED/UERJ).

No contexto de aprender a ver, Han enfatiza a importância de *habituar o olhar ao descanso, à paciência e à contemplação*. Aprender a ver significa capacitar o olho para uma atenção profunda, lenta e demorada, de forma que o sujeito consiga resistir aos estímulos opressivos e intrusivos do ambiente. Em vez de reagir imediatamente a esses estímulos, *a vita contemplativa* se caracteriza por direcionar soberanamente o olhar e controlar os impulsos instintivos.

A *vita contemplativa* pressupõe uma pedagogia específica do ver. No Crepúsculo dos ídolos, Nietzsche formula três tarefas, em vitas das quais a gente precisa de educadores. Devemos aprender a ler, devemos aprender a pensar, devemos aprender a falar e escrever. A meta desse aprendizado seria, segundo Nietzsche, a “cultura distinta”. Aprender a ver significa “habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-se”, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender-a-ver seria a “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito” (Geistigkeit). Temos de aprender a “não reagir imediatamente a um estímulo, mas tomar o controle dos instintos inibitórios, limitativos”. A falta de espírito, falta de cultura repousaria na “incapacidade de oferecer resistência a um estímulo”. Reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento. Aqui, Nietzsche nada mais propõe que a revitalização da *vita contemplativa*. Essa vida não é um abrir-se passivo que diz sim a tudo que advém e acontece. Ao contrário, ela oferece resistência aos estímulos opressivos, intrusivos. Em vez de expor o olhar aos impulsos exteriores, ela os dirige soberanamente. Enquanto um fazer soberano, que sabe dizer não, é mais ativa que qualquer hiperatividade, que é precisamente um sintoma de esgotamento espiritual. A dialética do ser-ativo que escapa a Arendt consiste no fato de que a agudização hiperativa da atividade faz com que essa se converta numa hiperpassividade, na qual se dá anuência irresistivelmente a todo e qualquer impulso e estímulo. Em vez de liberdade, ela acaba gerando novas coerções. É uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres seríamos (HAN, 2015, p. 30).

Nietzsche (2006) ressalta que a ausência de cultura e de espírito reside na incapacidade de resistir a estímulos, transformando reações imediatas em sintomas de esgotamento espiritual, uma espécie de enfermidade. Assim, a revitalização da *vita contemplativa* implica em resistir aos impulsos externos e saber dizer não, uma atitude mais proativa do que ceder à hiperatividade que leva ao esgotamento espiritual. Para Nietzsche (2006), ver não é um fenômeno natural, mas sim acostumar os olhos à quietude, à paciência e à espera atenta das coisas, adiando juízos precipitados. Aprender a ver constitui uma espécie de preparação para uma *vita contemplativa*, ensinando uma competência crucial, especialmente nos tempos em que vivemos, chamada por ele de 'vontade forte'. Esta está relacionada à capacidade de não reagir imediatamente a um estímulo ao qual estamos expostos.

Segundo Nietzsche (2006), poder suspender ou mesmo prorrogar uma decisão ou sustentarmos uma oposição ao estímulo, sem uma reação imediata, seria o desafio e a plenitude de estarmos assentados sobre nós, de sermos governados por nós mesmos. Ao contrário, esta

reação automática seria prova, de um caráter doentio, de decadência, de um sintoma de esgotamento.

Agora apresentarei, para não faltar com minha natureza, que é afirmativa e só indiretamente, só involuntariamente tem algo a ver com a contradição e a crítica, as três tarefas pelas quais se necessita de educadores. Deve-se aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever: o objetivo, nos três casos, é uma cultura nobre. — Aprender a ver — habituar o olho ao sossego, à paciência, a deixar as coisas se aproximarem; adiar o julgamento, aprender a rodear e cingir o caso individual de todos os lados. Esta é a primeira preparação para a espiritualidade: não reagir de imediato a um estímulo, e sim tomar em mãos os instintos inibidores, excludentes. Aprender a ver, tal como o entendo, é aproximadamente o que a linguagem não filosófica chama de vontade forte: o essencial aí é não “querer”, ser capaz de prorrogar a decisão. Toda não-espiritualidade, toda vulgaridade se baseia na incapacidade de resistir a um estímulo — tem-se que reagir, segue-se todo impulso. Em muitos casos, esse “ter que” já é enfermidade, declínio, sintoma de esgotamento — quase tudo o que a crueza não filosófica designa como “vício” é apenas essa incapacidade fisiológica de não reagir. — Uma aplicação prática do ter aprendido a ver: como “aprendente” a pessoa se torna lenta, desconfiada, recalcitrante. Inicialmente deixa aproximarem-se coisas desconhecidas, novas de todo tipo, com hostil tranquilidade — recuará as mãos diante delas. Manter as portas todas abertas, servilmente prostrar-se ante cada pequenino fato, sempre estar disposto a lançar-se no lugar de, a mergulhar nos outros e em outras coisas, em suma, a célebre “objetividade” moderna, é mau gosto, é ignóbil por excelência (NIETZSCHE, 2006, p. 42-43).

Nos encontramos imersos em uma sociedade modelada por conexões absolutas, que nos consome com a mobilização incessante dos sentidos. Nesta, a característica predominante é a produção contínua de estímulos e respostas que se originam uns dos outros, resultando em um ser humano multitarefa. Tudo nos incita e nos seduz à reação e à exteriorização de nós mesmos. Os estímulos são como cordas que nos envolvem, induzindo respostas rápidas e automáticas. É nesse contexto que podemos situar a ansiedade, a depressão, o esgotamento, o suicídio e o desânimo, pois pautar a vida por formas de reação implica em desvalorizar a própria essência para legitimar o outro, o que está fora, o não eu. A verdadeira ação é o exercício da nossa capacidade criativa. A reação, por sua vez, constitui um gesto de submissão a um outro que dita a natureza das nossas emoções. Peter Pál Pelbart (2016) observa que vivemos em uma espécie de saturação em todos os sentidos: de imagens, palavras, sons, estímulos e excitação. Existe uma mobilização constante de todos os sentidos a todo momento. Esse “turbocapitalismo” depende disso: mobilizar o corpo, os sentidos, capturar a atenção e preencher completamente os espaços mentais – e isso, de certa forma, controla. Atualmente, tudo é orientado para uma conexão absoluta, a mais intensa possível. E talvez o maior desafio seja desconectar-se, desligar-se desse fluxo incessante.

Portanto, importância da negatividade da interrupção, ou seja, a capacidade de fazer pausas, hesitar e parar interiormente para dimensionar o espaço da contingência que escapa à

mera atividade mecânica. A falta de interrupções na sociedade atual leva a uma positivação excessiva, enfraquecendo sentimentos como a angústia, o luto e a ira, que são essenciais para uma existência enriquecedora.

Sem aqueles “instintos limitativos”, o agir se deteriora numa reação e ab-reação inquieta e hiperativa. A atividade pura nada mais faz do que prolongar o que já existe. Uma virada real para o outro pressupõe a negatividade da interrupção. Só por meio da negatividade do parar interiormente, o sujeito de ação pode dimensionar todo o espaço da contingência que escapa a uma mera atividade. É bem verdade que o hesitar não representa uma ação positiva, mas é indispensável para que a ação não decaia para o nível do trabalho. Hoje, vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios. No aforismo “A principal carência do homem ativo”, escreve Nietzsche: “Aos ativos falta usualmente a atividade superior [...] e nesse sentido eles são preguiçosos. [...] Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica”. Há diversos tipos de atividade. A atividade que segue a estupidez da mecânica é pobre em interrupções. A máquina não pode fazer pausas. Apesar de todo o seu desempenho computacional, o computador é burro, na medida em que lhe falta a capacidade para hesitar (HAN, 2015, p. 31).

Han (2006) destaca que há duas formas de potência: a potência positiva, que é a capacidade de fazer algo, e a potência negativa, que é a capacidade de não fazer, de dizer não. A potência negativa é importante para a contemplação, pois permite alcançar o vazio, liberando-se de estímulos intrusivos e encontrando um ponto de soberania interior, o que é diferente de uma passividade desenfreada.

No empuxo da aceleração geral e da hiperatividade desaprendemos também a ira. A ira tem uma temporalidade bem específica, que não se coaduna com a aceleração geral e com a hiperatividade. Essa não admite nenhuma folga temporal. O futuro se encurta numa atualidade prolongada. Falta-lhe qualquer negatividade, que permitiria olhar para o outro. A ira, ao contrário, coloca definitivamente em questão o presente. Ela pressupõe uma pausa interruptora no presente. É nisso que ela se distingue da irritação. A dispersão geral que marca a sociedade de hoje não permite que surja a ênfase e a energia da ira. A ira é uma capacidade que está em condições de interromper um estado, e fazer com que se inicie um novo estado. Hoje, cada vez mais ela cede lugar à irritação ou ao enervar-se, que não podem produzir nenhuma mudança decisiva. Assim, irritamo-nos também por causa do inevitável. A irritação está para a ira como o medo está para a angústia. Contrariamente ao medo que se refere a um objeto determinado, a angústia está referida ao ser como tal. Ela atinge e abala toda a existência. Também a ira não se refere a um único estado de coisas. Ela nega o todo. Nisso consiste sua energia da negatividade. Ela representa um estado de exceção. A crescente positivação do mundo torna-o pobre em estados de exceção. Agamben passa ao largo dessa positividade crescente. Contra seu diagnóstico de que o estado de exceção se estende para um estado de normalidade, a positivação geral da sociedade hoje absorve todo e qualquer estado de exceção. Assim o estado de normalidade torna-se totalitário. Justo a crescente positivação do mundo desperta muita atenção para conceitos como “estado de exceção” ou “imunidade”. Porém, essa atenção não é prova de sua atualidade, mas de seu desaparecimento (HAN, 2015, p. 32).

Mello (2018) diz que uma pessoa que se limita a reagir perde completamente o controle sobre si mesma, possivelmente abandonando qualquer vida interior que pudesse existir. Essa reação pode ocorrer em diversos níveis, seja diante das provocações do mundo, das ações alheias, das adversidades governamentais no Brasil, da prevalência da violência, das tendências da moda, das ideias nas redes sociais ou das opiniões que possam ter sobre nós. Todas essas forças acabam por sequestrar a nossa energia, que poderia ser direcionada para ações que promovam nosso próprio bem e nossa própria história. Quem se limita à reação acaba perdido no mundo, constantemente fugindo de suas próprias sombras e, no processo, se exaure. O desequilíbrio surge quando nos vemos como reféns das expectativas, das palavras e da vida dos outros, especialmente nas redes sociais, e nos falta o tempo para simplesmente existir em nós mesmos, no momento presente, do jeito que somos, como podemos ser e como desejamos ser. Estabelecer as próprias metas de vida, os projetos que definem nossa existência e os programas que guiam nossas ações, independentemente dos padrões do mundo que são impostos sem consideração por nós, é uma condição essencial para a saúde e a integridade. Aquele que constrói seu próprio caminho para a vida está mais em sintonia com sua saúde do que aquele que segue rigidamente um programa prescrito por outros. A verdadeira saúde está intrinsecamente ligada à autonomia e ao exercício genuíno do pensamento.

Há duas formas de potência. A potência positiva é a potência de fazer alguma coisa. A potência negativa, ao contrário, é a potência de não fazer, para falar com Nietzsche; para dizer não. Mas a potência negativa distingue-se da mera impotência, a incapacidade de fazer alguma coisa. A impotência é simplesmente o contrário da potência positiva. Ela é, ela própria, positiva na medida em que está ligada com algo. Ela não é capaz de alguma coisa. A potência negativa supera a positividade, que está presa em alguma coisa. É uma potência de não fazer. Se, desprovidos da potência negativa de não perceber, possuíssemos apenas a potência positiva de perceber algo, a percepção estaria irremediavelmente exposta a todos os estímulos e impulsos insistentes e intrusivos. Então não seria possível haver qualquer “ação do espírito”. Se possuíssemos apenas a potência de fazer algo e não tivéssemos a potência de não fazer, incorreríamos numa hiperatividade fatal. Se tivéssemos apenas a potência de pensar algo, o pensamento estaria disperso numa quantidade infinita de objetos. Seria impossível haver reflexão (*nachdenken*), pois a potência positiva, o excesso de positividade, só admite o continuar pensando (*fortdenken*) (HAN, 2015, p. 33).

Para Han a importância da *pedagogia do ver* para desenvolver uma *vita contemplativa*, onde o aprendizado consiste em resistir aos estímulos opressivos, fazer pausas, alcançar um olhar profundo e demorado, e cultivar a potência negativa de dizer não. Isso permite a revitalização do espírito e uma existência mais autêntica, em contraste com a hiperatividade e positividade excessiva que caracterizam a sociedade contemporânea.

A negatividade do não-para é também um traço essencial da contemplação. Na meditação zen, por exemplo, tenta-se alcançar a negatividade pura do não-para, isto é, o vazio, libertando-se de tudo que aflui e se impõe. Assim é um processo extremamente ativo, e algo bem distinto que passividade. É um exercício para alcançar em si um ponto de soberania, de ser centro. Se possuíssemos apenas a potência positiva, estaríamos, ao contrário, expostos de forma totalmente passiva ao objeto. A hiperatividade é paradoxalmente uma forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre. Radica-se numa absolutização unilateral da potência positiva (HAN, 2015, p. 33).

Nietzsche já falava, em seu tempo, que as pessoas não sabiam ver, eram meramente reativas. Para ele, a tarefa dos professores é ensinar a ver. Ideias de Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2005, p. 41), “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.”

Para a prática “bancária”, o fundamental é, no máximo, amenizar esta situação, mantendo porém as consciências imersas nela. Para a educação problematizadora, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está, em que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação (FREIRE, 2005, p. 43).

No contexto da busca pela *vita contemplativa* e da importância de aprender a ver, a filosofia desempenha um papel fundamental. Mello, em sua tese de doutorado, destaca o valor dos múltiplos modos de pensar, especialmente os singulares, em contraposição ao modelo civilizatório que tende a padronizar subjetividades e modos de pensamento pré-estabelecidos (MELLO, 2011, p. 104). Essa reflexão ressoa com a proposta de Pál Pelbart, que sugere a criação de “vacúolos de silêncio” para permitir o surgimento de ideias não previstas e não formatadas, um exercício crucial em um mundo saturado de informações (PELBART, 2016).

Na jornada em busca da singularização é crucial compreender que cada capítulo da vida representa um casamento entre o modo de singularização e o olhar perspicaz (MELLO, 2011, p. 104). Essa união de perspectivas forma um caminho que, quando trilhado na educação, torna-se uma poderosa ferramenta de transformação. A filosofia, nesse contexto, surge como uma valiosa contribuição, incitando-nos a enxergar além dos padrões pré-estabelecidos que moldam nossa matriz cultural.

As propostas de uma interdisciplinaridade postas hoje sobre a mesa apontam, no contexto de uma perspectiva arbórea, para integrações horizontais e verticais entre as várias ciências; numa perspectiva rizomática, podemos apontar para uma transversalidade entre as várias áreas do saber, integrando-as, senão em sua totalidade, pelo menos de forma muito mais abrangente, possibilitando conexões inimagináveis por meio do paradigma anterior. Assumir a transversalidade é transitar pelo território do saber como as sinapses viajam pelos neurônios em nosso cérebro, uma viagem

aparentemente caótica que constrói seu(s) sentido(s) à medida que desenvolvemos sua equação fractal (GALLO, 2000, p. 33)

Para singularizar na educação, é essencial adotar uma abordagem interdisciplinar e transversal. A proposta de Gallo destaca a importância de integrações horizontais e verticais entre as várias áreas do saber, criando conexões inimagináveis por meio de uma perspectiva rizomática (GALLO, 2000, p. 33). Isso corresponde à ideia de Deleuze sobre a necessidade de abandonar palavras inúteis e criar silêncios para gerar significado autêntico (PELBART, 2016). No entanto, a singularização não é um fenômeno restrito ao âmbito educacional. Ela se estende até a subjetividade dos indivíduos e grupos, como observam Guattari e Rolnik. A democracia verdadeira só se consolida quando novas atitudes, sensibilidades e práticas emergem, evitando o retorno a estruturas ultrapassadas (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 134).

Aprender a pensar: não há mais noção disso em nossas escolas. Mesmo nas universidades, mesmo entre os autênticos doutores da filosofia começa a desaparecer a lógica como teoria, como prática, como ofício. Leia-se livros alemães: já não se tem a mais remota lembrança de que para pensar é necessária uma técnica, um plano de estudo, uma vontade de mestria — de que o pensar deve ser aprendido, tal como a dança deve ser aprendida, como uma espécie de dança... Quem, entre os alemães, ainda conhece por experiência o sutil calafrio que os pés ligeiros em coisas espirituais transmitem a todos os músculos? — A dura inépcia das maneiras espirituais, a mão canhestra ao tocar — isso é a tal ponto alemão, que no exterior chegam a confundi-lo com o caráter alemão. O alemão não tem dedos para nuances... O simples fato de os alemães terem suportado seus filósofos, sobretudo o mais deformado aleijão do conceito que jamais existiu, o grande Kant, dá uma boa idéia da graça alemã. — Pois não se pode excluir a dança, em todas as formas, da educação nobre; saber dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; ainda tenho que dizer que é preciso saber dançar com a pena — que é preciso aprender a escrever? — Mas nesse ponto eu me tornaria completamente enigmático para os leitores alemães... (NIETZSCHE, 2006, p. 43-44)

Neste contexto, surge a questão: como criar uma lógica de singularização efetiva? Pál Pélbart (2016) sugere que em meio a esse contexto de saturação informativa e interconectividade incessante, surge a necessidade de criar silêncios. Essas deserções ativas podem representar uma virada na forma como encaramos hábitos anteriormente considerados indispensáveis, abrindo espaço para a criação de novas práticas. Por exemplo, isso pode ser alcançado para algumas pessoas como o autor, por meio de dispositivos inventivos que redefinam nossa relação com a tecnologia. É como se precisássemos de um aparelho capaz de produzir esse vazio, esse espaço para a reflexão genuína. Ele exemplifica com sua escolha de não ter celular, destacando a necessidade de resistir à interconectividade invasiva e *non-stop* que caracteriza a sociedade contemporânea (PÁL PELBART, 2016). Importa é saber que uma

forma de interromper todas essas redes conectivas, que constituem modos de controle, é produzir outras, como o autor diz, no influxo daquelas.

Em um mundo marcado pela constante inundação de estímulos e pela pressão da hiperatividade, a reflexão sobre uma educação que promova a contemplação, a singularização e a potência negativa se torna uma necessidade vital. Aprender a ver, pensar e falar de forma autônoma e reflexiva não apenas enriquece a mente, mas também fortalece a essência individual. A interdisciplinaridade e a transversalidade se mostram como caminhos essenciais para a construção de perspectivas próprias e singulares, enquanto a capacidade de dizer não e de resistir à imediatez dos estímulos externos é fundamental para preservar a autenticidade e a integridade da experiência humana. A educação neste ponto torna-se não apenas um processo de transmissão de conhecimento, mas uma jornada de descoberta e cultivo do eu, proporcionando não apenas a acumulação de informações, mas o desenvolvimento pleno do potencial humano.

3.4 A ARTE COMO CONTRAPONTO À SOCIEDADE DO CANSAÇO E À PRODUTIVIDADE DESENFREADA

Vivemos em uma era marcada pelo ritmo acelerado, pela constante inundação de estímulos e pela pressão para a produção incessante. Nesse contexto, a arte emerge e se recrudescer como uma potente aliada na busca por um equilíbrio mais humano e significativo.

A sociedade contemporânea, como tão bem analisada por diversos pensadores, como Byung-Chul Han e Friedrich Nietzsche, conduz-nos a um ritmo hiperativo que, em vez de nos libertar, aprisiona-nos em uma espiral de exaustão física e mental. As demandas incessantes nos empurram para uma constante reação, deixando pouco espaço para a contemplação, a reflexão e a construção de significados mais profundos. A hesitação, condição necessária à seletividade, inexistente.

É neste cenário que a arte se destaca como um oásis de pausa e resistência. A capacidade da arte de nos convidar a olhar mais profundamente, pensar de maneira mais contemplativa e comunicar emoções complexas oferece um contraponto valioso à superficialidade da vida cotidiana. A contemplação de uma obra de arte nos permite transcender a imediatez dos estímulos externos, proporcionando um espaço para a reflexão e a conexão com nossa própria humanidade.

A arte, ao contrário do paradigma produtivista que muitas vezes rege nossas vidas, não busca produzir resultados tangíveis, mas sim provocar experiências e questionamentos. Ela desafia o individualismo exacerbado que nos é imposto, incentivando a coletividade por meio da expressão compartilhada e da apreciação conjunta. Em um mundo que muitas vezes enfatiza o "eu" em detrimento do "nós", a arte nos lembra a importância de construirmos pontes, de nos conectarmos através das experiências estéticas que transcendem as fronteiras individuais.

A criação artística, ao explorar a potência negativa de dizer não à pressa, à superficialidade e à uniformidade, oferece-nos uma linha de fuga para um espaço de autenticidade e singularização. Ela nos encoraja a resistir à lógica da produção constante e nos convida a uma jornada interior, uma jornada que, é comparável a uma dança – uma dança que requer aprendizado, maestria e, acima de tudo, uma capacidade de ver além do óbvio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Han (2015) aborda valores que podem ser também observados no ensino nacional contemporâneo, destacando a transição da Sociedade Disciplinar de Foucault para a Sociedade do Cansaço, que promove uma cultura de autoexploração e autocontrole, resultando em “violência neuronal” (adoecimento mental e psíquico). A ênfase na avaliação de desempenho e competição, em detrimento da qualidade do ensino e da equidade, reflete uma busca incessante por eficiência e sucesso individual. Essa pressão produtivista, resultante da pressão por acúmulo de capital, vai contra os princípios do aprendizado e da ciência, que requerem um processo criativo e orgânico.

A singularidade do processo de aprendizado não deve ser subjogada em detrimento de capturas de subjetividades dominantes. No Brasil, isso pode ser visto em políticas educacionais que enfatizam a avaliação de desempenho e a competição entre as escolas, em detrimento da qualidade do ensino e da equidade. Além disso, a pressão por melhores resultados em testes padronizados pode levar a um foco excessivo em conteúdos específicos e habilidades de memorização, em detrimento do desenvolvimento de habilidades mais amplas, como pensamento crítico, criatividade e colaboração.

O Campo da Filosofia, ao tratar da Sociedade do Cansaço, pode influenciar profundamente a Educação Contemporânea, porque coloca à mostra processos invisíveis, já capturados em formas de modelização. Os pensadores que abordam esse tema ressaltam a importância de alternativas na educação, como a colaboração, a aprendizagem experiencial e a

participação ativa dos alunos. Isso oferece uma visão mais abrangente do aprendizado, indo além da mera *performance*.

Observando nossa sociedade, percebemos que a competição e a acumulação de riqueza prevalecem, muitas vezes às custas dos menos privilegiados. A evolução não deve ser confundida com progresso. Embora estejamos em uma sociedade tecnologicamente avançada, isso não equivale a um verdadeiro avanço qualitativo em termos de evolução humana. A acumulação, degradação do ambiente, adoecimento mental e psíquico, ainda são desafios significativos, às custas de existir na sociedade uma classe que é inútil, que só existe para acumular riqueza e aumentar tais danos.

A *pedagogia do ver* e a busca pela *vita contemplativa* são formas de encarar a realidade de maneira mais profunda e reflexiva, criando um dispositivo de interrupção para esse ritmo desenfreado por realização. A educação deve ser uma jornada de descoberta e cultivo do sujeito, não apenas uma transmissão de conhecimento, para que o indivíduo possa construir suas próprias formas de ver o mundo e ainda ter uma capacidade crítica quanto ao que vê. Tais ideias não representam uma fuga da realidade, mas sim uma forma de encará-la com olhos mais perspicazes e uma mente mais reflexiva. A singularização na educação não é apenas uma questão de transmissão de conhecimento, mas sim uma jornada de descoberta e cultivo do eu, proporcionando não apenas a acumulação de informações, mas o desenvolvimento pleno do potencial humano.

Este estudo não busca fornecer respostas definitivas, mas sim abrir um diálogo sobre a necessidade urgente de repensar a educação em um contexto de nossos tempos atuais, sobretudo a partir das reflexões incitadas pela leitura da obra de Byung-Chul Han e os autores que trabalham o campo da subjetividade. A base da pedagogia é a educação voltada para o trabalho, a escola é desenhada para isso. Porém, podemos ser críticos para os métodos pedagógicos. A tecnologia, apesar de influenciar o meio, não deve sobrepujar os métodos pedagógicos. Cabe aos educadores e aprendizes criar um ambiente que possa transformar e inspirar, que promova a contemplação, a singularização e o desenvolvimento pleno do potencial humano. A busca pelo equilíbrio é essencial para um aprendizado significativo.

O processo produtivista, que busca desempenho a todo custo, muitas vezes é como tentar acelerar o crescimento de uma planta, puxando-a para cima. O verdadeiro desenvolvimento requer tempo e pausas para que as raízes possam se firmar. Portanto, é crucial repensar a educação em uma perspectiva que valorize não apenas o desempenho, mas também o crescimento integral e o bem-estar de cada indivíduo. Todo crescimento sem limites é

destrutivo. Para ter harmonia é necessário tempo. É necessário a pausa, para que a Vida possa continuar.

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio Perturbações: Foucault e as ciências sociais. **Sociologia Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 07, p. 33-61, 2017.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 1947 (Original). Tradução de 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5ª edição. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Editora Artmed, 2012-2013.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. Multitasking: Switching costs. **APA**, 2006. Disponível em: <<https://www.apa.org/topics/research/multitasking>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

ASHINOFF, B. K., ABU-AKEL, A. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. **Psychological Research**, v. 85, p. 1–19, 2021.

BAILER, Cyntia; TOMITCH; Lêda Maria Braga. Estudos comportamentais e de neuroimagem sobre multitarefa: uma revisão de literatura. **Alfa**, São Paulo, v. 60, p. 403-425, 2016.

BASTOS, Estêvão Kopschitz Xavier. **Carta de conjuntura**. Nº 55. Nota de Conjuntura 22. 2º trimestre de 2022. Brasil, Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/220601_nota_22_economia_mundial.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BIN, Adriana. How much does a Ph. D. scholarship program impact an emerging economy research performance?. **Scientometrics**, v. 127, p. 6935-6960, 2022. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-022-04487-3>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto – PIB**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php#:~:text=O%20PIB%20%C3%A9%20a%20soma,R%24%209%20C9%20trilh%C3%B5es.>>. Acesso em: 13 set. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>>. Acesso em: 13 set. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>>. Acesso em: 14 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20ou%20S%C3%ADndrome,justamente%20o%20excesso%20de%20trabalho>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

BUCKERIDGE, Marcos. O retorno dos polímatas. **Jornal da USP**, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/articulistas/marcos-buckeridge/o-retorno-dos-polimatas/>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BURTON, Zachary F. Murguía; CAO, Xiangkun Elvis. Navigating mental health challenges in graduate school. **Nature Reviews Material**, v. 7, p. 421-423, 2022. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41578-022-00444-x>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

COSTA PEREIRA, Mário Eduardo. **Contribuição à psicopatologia dos ataques de pânico**. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

CROOK, Rebecca *et al.* Student, academic and professional services staff perspectives of postgraduate researcher well-being and help-seeking: a mixed-methods co-designed investigation. **Studies in Graduate and Postdoctoral Education**, 2021. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/SGPE-08-2020-0056/full/html?casa_token=oRgrH8j-qX0AAAAA:Nd9ziUMq2ew2_zS3hyMfPovpDJS-JPlwG9lFXROovfCjXjv8qjiVBWTjyWVvoAUqKTSMRW_9YWIYoj_6VB8LKVuMfA_p5b azZc_pqrAS7IL_cp6VUc3s>. Acesso em: 06 abr. 2023.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. 1ª ed. Tradução por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. 1ª ed. Tradução por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1997.

ECHIVERRI, Leah Li; CHEN, Wangan; WANG, Xinyi. Factors that shape university student's attitudes towards academic research. **6th International Conference on Higher Education Advances (HEAd'20)**, Editorial Universitat Politècnica de Valencia, p. 919-927, 2020. Disponível em: <<https://riunet.upv.es/handle/10251/145487>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; MORIN, Edgar; GALLO, Silvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. *In*: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.) **O Sentido da Escola**. Coleção Pedagogias em Ação, Editora Petrus, 2009.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tania Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública, RAP**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 367-83, 2010.

FILIPE, Fabiana Alvarenga; SILVA, Dayane dos Santos; COSTA, Áurea de Carvalho. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 783-803, jul./set. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/PbZbjrWHzzQ3Yt4LBFzK6NF/>>. Acesso em: 14 set. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 27ª ed. Tradução por Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cad. EBAPE.BR**, Edição Especial, Rio de Janeiro, v. 17, p. 844-856, 2019.

FRANK, Alejandro Germán *et al.* The effect of innovation activities on innovation outputs in the Brazilian industry: Market-orientation vs. technology-acquisition strategies. **Research Policy**, v. 45, p. 577-592, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733315001869?casa_token=1o4wtdGoEzIAAAAAA:bq2mlafNghROTzRLqEecNOnatYLr1kFRvAYzq8O9n25D9J51hOHREXZY5Cfz5cpm2FKEA2z7ug>. Acesso em: 06 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. **Pensamento pedagógico brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GALLO, Silvio. **Conhecimento, Transversalidade e Currículo**. *In*: Reunião Anual da ANPEd, 18, 1995.

_____. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, p. 169-178, 2002.

_____. Entorno de uma Educação Voltada à Singularidade: Entre Nietzsche e Deleuze. *In*: LINS, Daniel (org.) **Nietzsche/Deleuze: Imagem, Literatura e Educação**. Editora Forense Universitária, 2005.

_____. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. *In*: Alves, Nilda; Garcia, Regina Leite (orgs). **O sentido da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 17-63.

GEE, Dylan G. *et al.* Training the Next Generation of Clinical Psychological Scientists: A Data-Driven Call to Action. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 18, p. 43-70, 2022. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-clinpsy-081219-092500>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Documentário, ensaio-filme: MÜDIGKEITSGESELLSCHAFT** Sociedade do Cansaço, Byung-Chul Han. Tradução e legenda por Anderson Santos. *In*: Festival de des deutschen Films, Isola Bella production, 11, 2015.

_____. **Não Coisas, reviravoltas do mundo da vida**. Tradução Rafael de Rodrigues Garcia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

_____. **Sociedade do cansaço**. Tradução por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.

_____. **Sociedade da Transparência**. Tradução por Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2016. 120 p.

_____. Teletrabalho, Zoom e depressão: o filósofo Byung-Chul Han diz que exploramos a nós mesmos mais do que nunca. **Revista El País**, 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-03-23/teletrabalho-zoom-e-depressao-o-filosofo-byung-chul-han-diz-que-nos-exploramos-mais-que-nunca.html>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

_____. The Tiredness Virus: Covid-19 has driven us into a collective fatigue. Tradução por Simone Paz. **Revista The Nation**, 2021. Disponível em: <<https://www.thenation.com/article/society/pandemic-burnout-society/>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

HARPER, Daniel. Online Etymology Dictionary. 2001. Disponível em: <<https://www.etymonline.com/search?q=polymath>>. Acesso em: 13 set. 2023.

HELENE, André Frazão; RIBEIRO, Pedro Leite. Brazilian scientific funding agency budgets have not matched the country's economic growth. **Brazilian Journal of Medical and Biological Research**, v. 46, p. 117-120, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bjmbr/a/kC4FfYBy8prcVssDyLRYMzc/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 06 abr 2023.

HELENE, André Frazão; RIBEIRO, Pedro Leite. Brazilian scientific production, financial support, established investigators and doctoral graduates. **Scientometrics**, v. 89, p. 677-686, 2011. Disponível em: <<https://akjournals.com/view/journals/11192/89/2/article-p677.xml>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

HOLANDA, Marina Assunção Figueiredo. O Cansaço é também colonial? Crítica à Sociedade do Cansaço, de Byung-Chul Han, desde o Pluralismo Bioético. *Revista Brasileira de Bioética*, v. 14 (e18), p. 1-14, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/download/21958/20154/>>. Acesso em: 13 set. 2023.

HUPFELD, K. E., ABAGIS, T. R.; SHAH, P. Living “in the zone”: hyperfocus in adult ADHD. **ADHD Atten Def Hyp Disord**, v. 11, p. 191–208, 2019.

JANESICK, V. The dance of qualitative research design: Metaphor, methodolatry, and meaning”. In: Dezin, N.K. & Lincoln, Y.S. (orgs.) **Strategies of Qualitative Inquiry**. Thousand Oaks: Sage, p. 35-55. 2007.

KLAUER, Sheila G. Distracted Driving and Risk of Road Crashes among Novice and Experienced Drivers. **The New England Journal of Medicine**, *N Engl J Med*, v. 370, p. 54-

59, 2014. Disponível em <<https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMsa1204142>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

KOZLOV, Max. ‘Disruptive’ science has declined - and no one knows why. **Nature**, v. 613, n. 7943, p. 225, 2023.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. Tradução por Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. In: CALLAI, C.; RIBETTO, A. (Org). **Uma Outra Escrita Acadêmica**. Ensaios, experiências e invenções. 1ª ed. Rio de Janeiro Lamparina, 2016, pp. 17-30.

MANDAN, Christopher R. A brief primer on the PhD supervision relationship. **European Journal of Neuroscience**, The official journal of Federation of European Neuroscience Societies, v. 54, p. 5229-5234, 2021. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/ejn.15396>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

MELLO, Maristela Barenco Corrêa de. Educação, Currículo e Meio Ambiente: Fábrica ou Ateliê de Subjetividades?. **Revista Espaço do Currículo (on-line)**, João Pessoa, v. 11, n. 3, p. 444-452, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>>. Acesso em: 13 set. 2023.

_____. O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, [S. l.], n. 25, p. 192–209, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4798>>. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. **Uma educação ambiental como estética da existência e epistemologia dos nexos: a experiência socioeducativa do Projeto Florescer**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MERTON, Thomas. **A Via de Chuang Tzu**. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1989. pp. 197-198 (XXXI).

MILANOVIC, Branko. **Capitalismo sem rivais: O futuro do sistema que domina o mundo**. 1ª ed. Tradução por Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Todavia Editora, 2020.

MIL-EM-RAMA. Episódio 03. [Locução de]: Maristela Barenco Corrêa de Mello. **Podcast**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/5GqAZmP0dRTUZsEC2hMqKo>> Acesso em: 13 set. 2023.

MITRE, Maya. As relações entre ciência e política, especialização e democracia: a trajetória de um debate em aberto. **Estudos avançados**, v. 30, n. 87, p. 279 - 298, 2016.

MORIN, Edgar. **A CABEÇA BEM-FEITA, repensar a forma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NARODOWSKI, Mariano. **Infância e Poder: Conformação da Pedagogia Moderna**. 1ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Francisco, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com um martelo**. Tradução, notas e posfácio: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ONU. United Nations Development Programme. **Desenvolvimento Humano e IDH**. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/idh>>. Acesso em: 13 set. 2023.

O PODCAST pra quem tem fome de aprender. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/shows/naruhodo/naruhodo-373-como-funciona-a-carreira-de-cientista/?highlight=373>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

ORWELL, George. **1984**. 9ª ed. Tradução por Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OSWALT, Sarah B. *et al.* Trends in college students' mental health diagnoses and utilization of services, 2009–2015. **Journal of American College Health**, v. 68, p. 41-51, 2018-2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07448481.2018.1515748?journalCode=vach20>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

PARK, Michael; LEAHEY, Erin; FUK, Russell J. Papers and patents are becoming less disruptive over time. **Nature**, v. 613, p. 138-144, 2003. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41586-022-05543-x>>. Acesso em 06 abr. 2023.

SATINSKY, Emily N. *et al.* Systematic review and meta-analysis of depression, anxiety, and suicidal ideation among Ph.D. students. **Scientific Reports**, v. 11, article number 14370, 2021. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41598-021-93687-7>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Em: Santos, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: "Um discurso sobre as ciências" revisitado**. Porto: Afrontamento, 2003.

SCAREL, Estelamaris Brant. **Michel Foucault: sobre ciências humanas, a sociedade panóptica e as especificidades do intelectual**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Educação, 2003. Disponível em: <<https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3780/2/ESTELAMARIS%20BRANT%20SCAREL.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2023.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. Revisão técnica de Ricardo Doniselli Mendes. São Paulo: Editora SCHWARCZ LTDA/Companhia das Letras, 2000.

SCHERER, Karine Cristina; ALVES, Marcos Alexandre; ZUCOLOTTI, Marcelle Pereira. Epistemologia da complexidade e os desafios da hiperespecialização por Edgar Morin. **Saber Humano**, ISSN 2446-6298, v. 11, n. 19, p. 151-169, jun./dez. 2021.

SIDONE, Otavio Jose Guerci; HADDAD, Eduardo Amaral; MENA-CHALCO, Jesus Pascual. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. **TransInformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-31, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/tvBDyptMBFSxRSt3VngySRC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

THIESEN, Juares S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 545-598, 2008.

VERAS, Luciana. Tudo é feito para a conexão absoluta, a mais saturada possível. Entrevista com Peter Pál Pelbart. **Revista Continente**, ed. 184, 2016. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/184/-tudo-e-feito-para-conexao-absoluta--a-mais-saturada-possivel-#:~:text=Talvez%20o%20mais%20dif%C3%ADcil%20praticamente%20imposs%C3%ADvel%20seja%20se,P%C3%81L%20PELBART%20Gera%20digamos%20um%20automatismo%20da%20resposta.>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

WOOLSTON, Chris. PHD Poll Reveals Fear and Joy, Contentment and Anguish. **Nature**, v. 575, p. 403-406, 2019. Disponível em: <<https://media.nature.com/original/magazine-assets/d41586-019-03459-7/d41586-019-03459-7.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

YANG, Bingbing; BAO, Shumei; XU, Juan. Supervisory styles and graduate student innovation performance: The mediating role of psychological capital and the moderating role of harmonious academic passion. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 2022. Disponível em:

<<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.1034216/full>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

YES, WE CAN. Wikipédia, 2022. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Yes_We_Can>. Acesso em: 10 out. 2022.

ANEXOS

ANEXO A - Transcrição do podcast Mil-em-Rama - Episódio 2



Se quer a luz, não fuja das sombras!

Olá, sejam todos e todas bem vindos! Este é o meu segundo episódio de podcast no canal Mil-em-Rama. Quem está chegando agora, sugiro que ouça o episódio número 1, para que entenda a proposta. Mas os episódios não serão seriados. Você poderá ouvi-los na ordem que desejar

Hoje eu gostaria de refletir sobre duas questões: a primeira tem a ver com a fuga de nossas sombras; a segunda, ligada à primeira, tem a ver com a dificuldades de resistirmos a um estímulo ou provocação, que vem de fora.

Ofereço esta reflexão na ocasião do Natal, uma festividade que esconde muitas sombras e muitas reações no encontro com os familiares. A família é um agrupamento humano muito desafiante. Seja porque não escolhemos os nossos pais, irmãos, familiares. Seja porque nos vemos inseridos em um convívio muito intenso e próximo. A nossa cultura ocidental idealiza muito a família. E exatamente por idealizar, cria muitas decepções, porque nem sempre conseguimos ser como o modelo idealizado.

Mas, para além da família nuclear, vivemos em um tempo de grandes turbulências na família planetária também. Turbulências, polarizações e conflitos. Intolerância quase total à diversidade. Neste contexto, o estado de lucidez é um artigo de luxo. Saber transitar neste mundo, sem se identificar demasiadamente com apenas uma ideia, com um segmento, com uma situação, com um problema, com um ponto de vista, significa ser lúcido. A lucidez é uma luz-mestra que nos conduz, como vagalume, em noites escuras.

Gostaria de trazer um conto e uma reflexão. É um conto muito antigo, atribuído a um filósofo chinês, de nome Chuang Tzu, que data do século II a. C. Chuang Tzu é um dos maiores

escritores taoístas da história, esta vertente filosófica mais intuitiva, emocional, ligada à natureza. O conto se chama A Fuga da Sombra[1]

“Havia um homem que ficava tão perturbado ao contemplar sua sombra e tão mal-humorado com as suas próprias pegadas que achou melhor livrar-se de ambas. O método encontrado por ele foi o da fuga, tanto de uma, quanto de outra. Levantou e pôs-se a correr. Mas, sempre que colocava o pé no chão, aparecia outro pé, enquanto a sua sombra o acompanhava, sem a menor dificuldade. Atribuiu o seu erro ao fato de que não estava correndo como devia. Então, pôs-se a correr, cada vez mais, sem parar, até que caiu morto por terra. O erro dele foi o de não ter percebido que, se apenas pisasse num lugar sombrio, a sua sombra desapareceria e, se se sentasse ficando imóvel, não apareceriam mais as suas pegadas”.

Este texto, embora muito antigo, fala de um modo de viver bem característico de nossa modernidade, em que vivemos em uma espécie de exílio de nós mesmos. Buscamos nos livrar de tudo o que nos incomoda. Fugimos de nossas sombras, ao negá-las ou evitá-las. Corremos para estar em outro lugar, para nos recusar a olharmos para dentro de nós. O texto também fala sobre a dificuldade que temos de parar, de interromper um percurso que não vai bem, de ver e enxergar o que precisamos, de aceitar e mesmo de compreendermos o que estamos passando. De silenciar. As formas de fazer isso são as mais variadas. Algumas pessoas me dizem que não ficam no escuro. Outras, que jamais ficam em casa, sem o rádio ou a TV estarem ligados. Outros ainda me dizem que passam horas assistindo séries, para escapar ao pensamento. Mais desafiante são os que necessitam que tomem medicamentos numa tentativa de anestesiarem-se do mundo.

Imaginem que, em 1888, o filósofo Nietzsche já falava da importância dos educadores, sobretudo, porque através deles, *aprender a ver*[2]. Para Nietzsche ver não é um fenômeno natural. Ver significa acostumar os olhos à quietude, à paciência, a aguardar atentamente as coisas, a protelar os juízos (...). Para ele, aprender a ver é uma espécie de preparação para uma vida contemplativa, que nos ensina uma competência muito importante - sobretudo no tempo em que nos encontrarmos -, chamada, por ele, de vontade forte, e que tem a ver com a capacidade de não reagirmos imediatamente a um estímulo a que nos vemos expostos.

Por exemplo, você acha que desfruta de uma vontade forte em relação aos seus propósitos? Vontade forte como uma convicção que vem de dentro de si, uma espécie de autodisciplina, e não algo que é tutelado por programas e treinamentos que estão fora de nós. Vontade forte não tem a ver com planners, com programas de vida estabelecidos por outros, com princípios religiosos. Vontade forte é uma habilidade que se cultiva dentro de si, a partir de uma consciência de si.

E sobre os estímulos que chegam até nós... você se sente capaz de resistir a um estímulo? Vou lhe dar um exemplo. No trânsito, você está dirigindo e um carro lhe corta e lhe xinga. Você é capaz de não reagir imediatamente a um estímulo a qual se sente exposto?

Pois é, segundo Nietzsche, poder suspender uma decisão ou sustentarmos uma oposição ao estímulo, sem uma reação imediata, seria o desafio e a plenitude de estarmos assentados sobre nós, de sermos governados por nós mesmos. Ao contrário, esta reação automática seria prova, para Nietzsche, de um caráter doentio, de decadência, de um sintoma de esgotamento.

Apenas um século se passou e nos vemos imersos em um modelo de sociedade das conexões absolutas[3], que nos exaure, com a mobilização total dos sentidos. A característica deste tempo é a produção de estímulos e respostas que derivam de outros estímulos e que são previsíveis em larga escala, formatando um ser humano multitarefa. Tudo nos convoca e nos seduz à reação e ao estar fora de nós. As palavras dos outros são como cordas que nos enlaçam e que despertam em nós respostas, rápidas, automáticas. É neste contexto que podemos situar a ansiedade, a depressão, o esgotamento, o suicídio, e o desânimo, já que pautar uma vida por formas de REAÇÃO significa desmerecer a si e para legitimar o outro, o que está fora, o não eu. A AÇÃO é o exercício de nossa capacidade criativa. A REAÇÃO, por sua vez, significa um gesto de subserviência a um outro, que decide sobre a natureza de suas emoções.

Uma pessoa que apenas reage perdeu por completo o governo e o controle de si. Talvez não tenha mais uma vida interior. E podemos falar de reação em vários níveis - seja a uma provocação do mundo, do outro, das barbáries governamentais brasileiras, da massificação da violência, das tendências da moda, das ideias da rede social, do que possam falar de nós - , que sequestram a nossa energia que estaria disponível para agir em favor de nós mesmos e de nossa própria história. Quem apenas reage está perdido no mundo, fugindo de suas sombras, exausto de tanto correr. O desequilíbrio nos chega quando nos sentimos reféns do mundo dos outros, da palavra e da expectativa dos outros, da vida dos outros, das redes sociais dos outros, e não temos mais tempo para existir em nós e para nós, no aqui e no agora. Do jeito que somos. Do jeito que podemos ser. Do jeito que queremos ser.

Construir as próprias pautas de vida, os próprios projetos de nossa existência, os próprios programas de vida e não agir de acordo com os projetos do mundo que são tecidos à revelia de nós é já uma condição de saúde e integridade. Quem constrói o seu projeto é mais saudável do que aquele que toma 3 litros de água seguindo um programa que lhe foi prescrito. Porque a grande saúde tem a ver com autonomia, com o exercício próprio do pensamento. Já passou do tempo de tomarmos a nós mesmos pelas mãos e nos conduzirmos à Casa que somos, este espaço

tempo que pode nos permite cultivar uma energia e disponibilizá-la para agirmos em favor de nossa saúde, de nossa lucidez e do serviço coerente ao outro e ao mundo.

Vivermos em consonância com os nossos ritmos, com nossos amores, com os nossos valores, com as nossas referências e com imagens de mundo e de vida restauradoras – descortina uma vida de muitas potencialidades. Na casa que somos há bastante luz. E porque há luz, haverá sempre sombras. Mas também haverá a qualidade de um ver, que o filósofo Nietzsche exalta como aquela que acostuma os olhos à quietude, à paciência, a aguardar atentamente as coisas. É um ver que olha com justiça e respeito, a si, ao outro e ao mundo, com suavidade e sem medo, de tal forma, que a dimensão de sombra que adoece cede lugar à dimensão de luz que a tudo regenera.

E que ao invés de cultivarmos o medo pelas nossas sombras, saibamos alimentar o fogo interior do nosso coração, que a tudo ilumina e aquece. O cuidado de si faz crescer a nossa voz interior, essa que nos conduz ao mundo e às pessoas, com coragem e lucidez, e que não sente necessidade de reagir a nada e nem a ninguém.

Sigamos! Agradeço a sua companhia e espero estar contigo semana que vem.

[1] Merton, Thomas. *A Via de Chuang Tzu*. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1989, pp. 197-198 (XXXI).

[2] Nietzsche, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos (ou como se filosofa com um martelo)*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014 e Han, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

[3] Pál Pelbart, Peter. *Tudo é feito para a conexão absoluta, a mais saturada possível*. Entrevista à *Revista Continente*. Em 29 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/especial/19362-tudo-é-feito-para-conexãoabsoluta,-amais-saturada-possível.html>.

ANEXO B - Carta de Princípios do Grupo de Estudos Flora



CARTA DE PRINCÍPIOS

O Grupo Flora – Filosofias, Lógicas e Reescritas Acadêmico-Afetivas nasce em meio a um percurso e a uma jornada acadêmica, em um processo de profunda reflexão. Não nasce de forma prévia, idealizada e nem individualmente. Ele é catalisado a partir de uma necessidade fundamental de um trabalho de orientação, mas nasce-em-grupo e nasce-como-grupo. Emerge de uma experiência coletiva, de muitos estudantes, professores e pesquisadores cansados de uma lógica acadêmica, que persiste sendo colonial; de uma pesquisa e escrita acadêmicas, que persistem em uma forma monológica, legitimando o “conformismo linguístico”, que está na base de todos os outros, como diz Larrosa. Nasce, igualmente, como “invenção de dispositivo de interrupção” (Pál Pélbart) em relação ao tempo linear, produtivista e saturante, importado de uma lógica do capital na Academia. Nasce da convicção de que escrita é arte e de que orientação precisa ser sempre processo coletivo. E que fazer perguntas continua sendo uma forma potente de conhecimento.

Sendo assim, aspira ser um grupo que tem como compromisso “confluir” (Nego Bispo) no prazer de estudar coletiva-interdisciplinar-intergeracionalmente, na fruição do pensar, na educação do gosto, na alegria de se reunir, na experiência coletiva de apoio e fortalecimento mútuo. Tem na Logomarca um compromisso com a Vida. Além do mais,

□ É um grupo interdisciplinar (aberto à diversidade de estudos, de temas e pesquisas), desejando tornar-se transdisciplinar, ou seja, capaz de promover diálogos para além dos territórios disciplinares, sendo capaz de forjar outros conhecimentos;

□ é um grupo que se reúne de forma dialogal, já que se baseia em uma concepção complexa do conhecimento, que não se configura linearmente e nem hierarquicamente, em que todos os participantes têm voz, são oriundos de vários espaços e tempos e representam a própria complexidade e diversidade da vida – dentro e fora da Universidade.

□ é um grupo formado também por pessoas que prezam o estudo e a reflexão e se encontram outras condições epistêmicas da vida, para além da Academia, fortalecendo um “diálogo de saberes”;

□ é um grupo comprometido por uma ética da solidariedade, da cooperação e da filosofia “slow” (Domenico De Mais), que caminha forjando um tempo próprio e cíclico, humano e finito, e não o determinado exteriormente pela lógica do capital, que impõe prazos, currículo lattes, ambições de produtividade e competição, processos extrativistas, monológicos e excludentes de escritas. Pretende caminhar forjando um tempo próprio e cíclico.

□ É um grupo comprometido com o estudo, aprofundamento e diálogos com os textos lidos e não com quantidade de textos. Não acreditamos no conteudismo, nem nas formas de leituras, nem nas formas de escritas, nem na forma de participação de eventos;

Apesar de toda a diversidade interdisciplinar, o eixo dos estudos são Filosofias, Artes (Estética), Lógicas e Reescritas outras (também acadêmicas), mas afetivas, no sentido espinosiano²³. E o compromisso primeiro é repensar os modos de pensar e as lógicas de pensamento e racionalidade e inventar contra-epistemologias (Entendemos a perspectiva decolonial e a contra-colonial como invenção de outros modos e não apenas a realização da crítica às epistemologias dominantes), assim como promover sempre o diálogo de saberes com todos os sistemas de conhecimento.

²³ Afetivas aqui remetem à Ética de Espinosa e ao encontro dos corpos. Uma das ideias mais importantes de Espinosa, para o debate filosófico, é saber não o que somos, mas “do que nossos corpos são capazes”. É através de afecções consideradas bons encontros que aumentamos a nossa potência de agir, como é através dos maus encontros que somos diminuídos em nossa potência. Espinosa denomina “ideias-noções”, o estágio em que temos consciência das causas das afecções e não apenas de seus efeitos. Aqui podemos nos libertar das paixões de alegria e tristeza, do automatismo espiritual que nos fabrica e termos domínio das “auto-afecções” ou “afetos ativos”, que nos conferem autonomia para controlar nossa potência de agir, cessando a variação contínua da potência, que nos subjugam ao acaso dos encontros. Aqui sabemos o que nos é conveniente e o que nos é inconveniente na relação entre dois corpos. As ‘ideias-noções’ são, portanto, uma espécie de saída, de emancipação do sujeito. Significam que noções se compõem quando os corpos e as almas se encontram, produzindo alguma coisa que é comum aos corpos e à coletividade, aumentando a potência de agir.

Metodologia dos Encontros:

- 1) Leituras e diálogos sobre textos propostos escolhidos coletivamente.
- 2) Oficinas de Escritas / Diário de Bordo?
- 3) Realização de Projetos de Escrita e Publicação de Materiais.
- 4) Elaboração de projetos diversos.
- 5) Orientações coletivas de trabalhos (TCC's, Dissertações de Mestrado, Teses de Doutorado e Outros).

Limite de Participação:**Critérios para participar do Grupo:**

- identificar-se e comprometer-se com os princípios do grupo;
- ter disponibilidade para realizar leituras e escritas;
- ter disponibilidade para participar dos encontros, às sextas-feiras, de 08:00 às 11:00 horas.